



Encontro com o Pastor

O nosso dever de respeito e obediência ao Papa, o legítimo Sucessor de Pedro

Página 2

Editorial

É urgente regulamentar o *homeschooling* e dar segurança jurídica às famílias

Página 4



Apresentadas as novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora

Documento lançado no dia 17 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) foi aprovado pelo episcopado em abril. Com vigência até 2032, ele indica caminhos para o fortalecimento de uma Igreja sinodal, missionária e comprometida com a promoção da vida plena para todos.

Página 8

Na periferia da zona Leste, Dom Odilo lembra que todo cristão é a presença da Igreja



Luciney Martins/O SÃO PAULO

Em uma escola no Jardim da Conquista, na zona Leste, Dom Odilo preside missa pelos 20 anos da Paróquia São Miguel Arcanjo

Os 20 anos da Paróquia São Miguel Arcanjo, no Jardim da Conquista, Região Belém, foram celebrados com missa solene na tarde do domingo, 21, presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer na quadra da Emef Professor Carlos Correa Mascaro.

“Estou muito feliz em ver que vocês, em 20 anos, deram muitos passos, estão firmes com as comunidades organizadas”, enalteceu o Arcebispo Metropolitano ao falar sobre a Paróquia erigida canonicamente em 27 de junho de 2006, e que atualmente conta com sete comunidades, além da igreja-matriz, todas enraizadas na realidade local. “A Igreja está presente; isso significa que as testemunhas de Jesus aqui estão também”, sublinhou.

A responsabilidade pastoral está sob os cuidados dos Missionários do Sagrado Coração. “Quando falamos de paróquia, não estamos falando de um prédio, mas do povo que vive da fé e segue o próprio Deus”, assegurou o Padre Ailton Rodrigues Damasceno, MSC, Pároco.

Página 9

Reduções Jesuítico-Guarani: um histórico contraponto à dominação colonial

Em 2026, são recordados os 400 anos de uma das iniciativas mais fascinantes e controversas da história das Américas: as Reduções Jesuítico-Guarani, fundadas em 1626 no atual território do Rio Grande do Sul, às margens do Rio Uruguai, pelo Padre Roque González de Santa Cruz e outros jesuítas. Ao perceberem a impossibilidade de exercer sua missão evangelizadora diante das condições de escravatura e de violência impostas pelos colonizadores espanhóis e portugueses aos nativos, os missionários da Companhia de Jesus instalaram agregações urbanas que combinavam relativa autonomia político-econômica indígena e permitiam a inculturação do Evangelho pelos povos originários, passo inicial para que fossem evangelizados. Essa experiência, que durou cerca de 130 anos, é apresentada em detalhes nesta edição do *Caderno Fé e Cultura*.



Diocese de Lins completa 100 anos com renovado compromisso evangelizador

Página 3

CNBB convida cada cidadão a ‘assumir sua responsabilidade’ nas eleições

Página 10

Festas juninas mobilizam paróquias

Festejos têm ajudado na integração das pastorais, fortalecido a vida de fé e atraído mais pessoas às igrejas.

Páginas 6 e 7



**CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER**

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

Obedecer ao Papa?

cero respeito e carinho pelo Papa, a comunidade dos fiéis também é chamada a participar generosamente do Óbolo de São Pedro, como expressão de fé e de apoio concreto à missão do Papa. Em todas as missas celebradas no mundo inteiro, nessa festa, é feita a coleta do Óbolo de São Pedro e o que se recolhe é enviado à Santa Sé, ficando à disposição do Papa para as muitas e grandes necessidades ligadas ao exercício de sua missão universal. Muitas iniciativas de evangelização e caridade são promovidas pelo Papa, sobretudo em situações de grandes sofrimentos, necessidades e catástrofes.

Mas hoje também é oportuno recordar nosso dever de respeito e a obediência ao Papa. É lamentável que existam contestações, desrespeito e desobediência aberta à pessoa do Papa e ao que ele representa na Igreja Católica. Tais atitudes favorecem a formação de grupos cismáticos, que quebram a comunhão com a Igreja e promovem o escândalo da divisão na unidade da Igreja, podendo levar a dolorosos cismas. O respeito ao Papa é devido sempre. Em relação aos seus ensinamentos, há dois níveis de obediência, referindo-se ao Magistério ordinário e ao Magistério extraordinário.

Quando o Papa, como Bispo e Pastor supremo da Igreja, nas suas

pregações e documentos, propõe um ensinamento com a finalidade de levar a uma compreensão melhor da Revelação sobre aspectos da fé e da moral (Magistério ordinário), esse ensinamento deve ser recebido pelos fiéis “com religioso obséquio de espírito”, ou seja, com religioso respeito e consideração. Assim acontece quando o Papa divulga uma encíclica, uma carta apostólica ou faz a sua pregação dominical. Suas palavras e ensinamentos, nesses casos, não devem ser vistas como simples opinião, mas como ensinamentos seguros do Sucessor do Apóstolo Pedro, a quem Jesus confiou a missão de confirmar os irmãos na fé e de os manter unidos na reta interpretação do Evangelho e do ensinamento da Igreja.

Mas quando o Papa, fazendo uso do seu Magistério supremo “na qualidade de pastor e doutor supremo de todos os fiéis e encarregado de confirmar os irmãos na fé ou nos costumes” (infalibilidade pontifícia), proclamar solenemente alguma verdade de fé, ele deve ser obedecido sempre (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nº 891-892). De fato, o Papa usa muito raramente desse “carisma da infalibilidade”; geralmente, quando ele se manifesta, ele exerce o seu Magistério ordinário, afirmando e explicando aquilo que já é o patrimônio da fé da Igreja. O Papa também é o supremo legislador

da Igreja e tem o encargo de zelar pelas normas canônicas, organizacionais e litúrgicas da Igreja. Portanto, uma vez que ele aprovou e promulgou o Código de Direito Canônico e as Normas da Liturgia Católica, essas leis e normas devem ser obedecidas por todos os católicos.

A missão do Papa de zelar pela unidade e a comunhão na Igreja não deve ser entendida apenas misticamente, mas também de maneira muito concreta. A comunhão na Igreja seria ferida rápida e gravemente se cada um, leigo, sacerdote, diácono, religioso ou bispo, ou cada grupo, decidisse agir por sua conta, sem obedecer ao Papa e às normas que regem a vida concreta da Igreja. Por sua vez, embora o Papa decida em função da autoridade que lhe é própria, é bem verdade que ele não decide sem ouvir a Igreja, por meio de seus representantes, e sem antes fazer um discernimento adequado sobre as decisões que deve tomar. O Papa não está acima da Igreja, mas é parte dela e seu primeiro servidor.

Na comemoração do Dia do Papa, celebrando a solenidade do martírio dos Apóstolos Pedro e Paulo, oremos muito especialmente pelo nosso Sumo Pontífice, Leão XIV. Que o Senhor Deus lhe conceda saúde e sabedoria, fortalecendo-o em sua importante missão!

A festa de São Pedro e São Paulo nos ajuda a lembrar que nossa fé, que a Igreja conserva, testemunha e transmite, é “apostólica”, isto é, vem dos Apóstolos e se mantém fiel ao ensinamento dos Apóstolos. Eles foram as testemunhas oculares qualificadas de Jesus e de tudo o que Ele fez e ensinou enquanto estava no mundo. Eles também foram enviados por Jesus a todos os povos e ao mundo inteiro como seus mensageiros e testemunhas.

Ao longo da história bimilenar da Igreja, até ao dia de hoje, os Apóstolos e seus legítimos sucessores, os bispos, mantiveram-se unidos na comunhão entre si e com o Sucessor do Apóstolo Pedro, e, na fidelidade a essa missão, confirmam os irmãos na fé apostólica. Por isso, na comemoração litúrgica solene do martírio dos Apóstolos Pedro e Paulo, rezamos muito especialmente pelo Papa Leão XIV, legítimo Sucessor de Pedro. Este é o Dia do Papa e “a Igreja toda reza por Pedro” (cf. At 12,5), que hoje tem o nome e o jeito de Leão XIV.

Além da oração e do nosso sin-

SANTA CAROLINA
CHILE 1875

Nascida da inspiração e moldada pelo tempo, Carolina carrega um legado histórico. Reinventa tradições, cria novas experiências e desperta sensações únicas. É ousadia com alma. É o passado que pulsa no presente.

CAROLINA
RESERVA

Beba com moderação.

Cardeal Scherer preside missa solene em comemoração dos 100 anos da Diocese de Lins (SP)

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

A Catedral Santo Antônio, em Lins (SP), encheu-se de leigos, religiosos, clérigos e autoridades civis e militares na noite do sábado, 20, para a missa solene em ação de graças pelos 100 anos de criação da Diocese de Lins, presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo.

No começo da missa, Dom João Gilberto de Moura, Bispo diocesano, acolheu a todos, de modo especial o Cardeal Scherer e os bispos concelebrantes, entre os quais Dom Irineu Danelon, SDB, Bispo Emérito, e Dom Francisco Carlos da Silva, atual Bispo de Jaú (SP) e que esteve à frente da Diocese de Lins de 2015 a 2024. Também foi lida a bênção apostólica enviada pelo Papa Leão XIV, na qual o Pontífice faz votos de que a celebração deste jubileu “seja ocasião propícia para renovar o zelo evangelizador e o ardor missionário em cada batizado”, a fim de que todos se mantenham fiéis aos valores cristãos recebidos de seus antepassados, reavivem a esperança e edifiquem a Igreja de Jesus.

UM CENTENÁRIO DE TESTEMUNHO DA FÉ

Dom Odilo dedicou boa parte da homilia a recordar a história desta Diocese, criada em 21 de junho de 1926 pelo Papa Pio XI, por meio da bula *Ea Est In Praesenti*, desmembrando-a da Diocese de Botucatu, a qual, por sua vez, havia sido criada em 1908 junto com a Arquidiocese de São Paulo e outras quatro dioceses.

Inicialmente, a Diocese teve como sede a cidade de Cafelândia. Seu primeiro Bispo, Dom Ático Eusébio da Rocha, tomou posse em 1929. Em agosto de 1950, a sede diocesana foi transferida para a cidade de Lins, durante o bispado de Dom Henrique Gelain. Ao longo dos anos, dela foram desmembradas três dioceses: Marília, em 1952; Bauru, em 1964; e Araçatuba, em 1994. Atualmente, abrange 23 cidades e integra a Província Eclesiástica de Botucatu.



Missa na Catedral Santo Antônio, no sábado, dia 20, é celebrada por ocasião do centenário de criação da Diocese de Lins

Dom Odilo, ao citar um trecho do decreto *Christus Dominus*, do Concílio Vaticano II, explicou que a diocese é a porção do povo de Deus confiada ao bispo para que a pastoreie em cooperação com o presbitério, de tal modo que unida ao seu pastor e reunida por ele no Espírito Santo, por meio do Evangelho e da Eucaristia, constitua uma Igreja particular, na qual opera a uma, santa, católica e apostólica Igreja de Cristo. “Aqui, portanto, está presente a Igreja de Jesus, sobretudo quando anuncia o Evangelho, celebra a Eucaristia e testemunha a caridade”, destacou.

O Arcebispo enalteceu o zelo pastoral dos bispos que estiveram à frente da Diocese de Lins nestes 100 anos e de todo o povo de Deus que contribuiu para o agir evangelizador.

COMPROMISSO RENOVADO

Na conclusão da homilia, Dom Odilo fez votos de que a celebração do centenário “seja um hino de louvor a Deus, de gratidão por sua providência e presença, e por

ter conduzido a história desta Diocese e deste povo que crê, espera, testemunha e caminha segundo as vias do Evangelho”. Ele lembrou que desde já se inicia a história do segundo centenário. “Olhemos para frente, a missão continua”, exortou.

Após a comunhão, Dom Carlos Silva, OFMCap., Bispo Auxiliar de São Paulo e Secretário-geral do Regional Sul 1 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), comentou que “celebrar 100 anos de história é fazer memória agradecida da presença fiel de Deus que conduziu esta Igreja particular ao longo das gerações”, além de ser ocasião para se recordar de todos que, movidos pelo Espírito Santo, dedicaram-se “à construção de comunidades vivas, missionárias e comprometidas com o Evangelho”.

Por fim, Dom João Gilberto exortou: “Ao celebrarmos este centenário diocesano, renovemos o nosso compromisso de sermos sempre e, em toda parte, verdadeiros discípulos missionários de Jesus Cristo”.

(Edição de texto: Daniel Gomes/O SÃO PAULO)

Diáconos seminaristas da Arquidiocese são enviados em missão por Dom Odilo a dioceses na Amazônia

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Quatro diáconos seminaristas da Arquidiocese de São Paulo foram enviados em missão para dioceses da região amazônica durante missa presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, no domingo, 21, na Catedral da Sé.

A experiência missionária integra a etapa final da formação dos candidatos ao sacerdócio e antecede a ordenação presbiteral. Os diáconos realizam um período de missão fora da Arquidiocese, vivendo de forma mais próxima a realidade pastoral de outras Igrejas particulares.

Os Diáconos seminaristas Leonardo de Oliveira Leopoldo e Vinícius Pinheiro Nunes irão para a Diocese de São Gabriel da Cachoeira (AM), enquanto Victor Silva Natali e Fabiano Henrique da Silva atuarão na Diocese de Marabá (PA).

VIVÊNCIA MISSIONÁRIA

Durante aproximadamente dois meses, os diáconos seminaristas estarão inseridos na vida pastoral das dioceses amazônicas, participando das atividades evangelizadoras e da missão da Igreja nas



Dom Odilo a diáconos seminaristas: ‘Ide à Amazônia, anunciad a todos a Boa-Nova de Jesus’

comunidades locais. A experiência busca ampliar a vivência missionária dos futuros sacerdotes e neles fortalecer a consciência de que toda a Igreja é chamada a anunciar o Evangelho.

Ao final da missa na Catedral da Sé, o Arcebispo presidiu o rito de envio missionário, durante o qual foram abençoadas as cruzes missionárias entregues aos diáconos. Na oração, Dom Odilo pediu a Deus que conceda aos missionários “a graça do Espírito Santo e a alegria do anúncio do Evangelho”. Em seguida, di-

rigiu-lhes as palavras de envio: “Como Jesus enviou em missão os discípulos, assim, em nome da Igreja, eu vos envio. Ide à Amazônia, anunciad a todos a Boa-Nova de Jesus Cristo”.

Antes da partida, os diáconos manifestaram sua disposição para a missão e a expectativa de conhecer mais de perto a realidade das comunidades amazônicas.

EXPECTATIVAS

O Diácono seminarista Leonardo destacou o desejo de encontrar a riqueza

da fé do povo amazônico: “A expectativa é grande de poder ter ali um contato com a realidade daquele povo, com a fé do povo, que tenho certeza de que é grande”.

Também destinado a São Gabriel da Cachoeira, o Diácono seminarista Vinícius ressaltou que espera fortalecer sua vocação por meio da convivência com as comunidades locais. “Minha expectativa é encontrar Jesus Cristo que está junto desse povo e também fortalecer cada vez mais a minha vocação neste caminho rumo ao sacerdócio”, disse.

Enviado para Marabá, o Diácono seminarista Victor relacionou sua missão ao Evangelho proclamado naquele domingo: “Não tenhais medo! Trata-se de entregar-se à Divina Providência, não sabendo exatamente onde se vai dormir ou ficar, e corresponder com generosidade ao chamado para anunciar o Evangelho”.

Por sua vez, o Diácono seminarista Fabiano destacou a oportunidade de conhecer uma realidade eclesial distinta daquela vivida na capital paulista: “Espero encontrar uma Igreja diferente, em uma realidade mais rural. É uma experiência muito válida para o início do sacerdócio”.

Editorial

Homeschooling

Nos últimos meses, o Brasil se deparou com uma polêmica que tem assustado milhares de famílias: o ensino por meio do *homeschooling*. Por volta do final de abril e começo de maio, a justiça brasileira condenou o casal Denardi, em Jales (SP), por “abandono intelectual” de suas duas filhas. A sentença no primeiro momento foi extremamente grave: 50 dias de detenção em regime semiaberto. Embora posteriormente convertida em prestação de serviços comunitários, o escândalo gerado na sociedade mobilizou inúmeras pessoas a se posicionarem. Isso porque, apesar de a condenação dar a entender um descaso com a formação das crianças, a realidade era outra: são extremamente bem instruídas, sociáveis e, inclusive, apresentam um desempenho intelectual médio superior às crianças da mesma idade que frequentam escolas.

Há, na decisão do juiz, algo de extremamente pernicioso: cada vez mais o Estado, que deveria ter como objetivo promover o bem comum de seus cidadãos, quer controlar o que e de que maneira os pais educam seus

filhos. Trata-se de algo diferente do que simplesmente assegurar o acesso à educação das crianças; quer-se, realmente, microgerir cada etapa da vida das pessoas, forçando-as a aprender os conteúdos determinados, pelos métodos estabelecidos e com os professores considerados “corretos”. Dessa forma, o direito e o dever inalienáveis dos pais de formar seus filhos para o bem é surrupiado pelo governo que o corrompe para fins escusos.

Na visão da Igreja, faz parte do jurnaturalismo a liberdade de um pai e de uma mãe formarem seus filhos. Na encíclica *Divini Illius Magistri*, o Papa Pio XI é categórico ao afirmar que “a família recebe imediatamente do Criador a missão e, conseqüentemente, o direito de educar a prole [...], direito anterior a qualquer direito da sociedade civil e do Estado, e por isso inviolável da parte de todo e qualquer poder terreno”. Nesse mesmo documento, citando Santo Tomás de Aquino, o Santo Padre também esclarece que seria contra a justiça natural dispor da criança contra a vontade dos pais.

Isso é de fundamental importân-

cia, pois o reto objetivo da educação vai de encontro a duas das principais visões discutidas na atualidade: de um lado, há os defensores da pedagogia do oprimido de Paulo Freire, em que as crianças deveriam ser formadas para uma militância política e, do outro, os defensores de uma pedagogia utilitária, em que os filhos deveriam ser instruídos para a produtividade e o mercado. Sendo assim, quando os pais possuem uma visão ordenada da finalidade educacional, ou seja, a de cooperar com a graça divina na formação do verdadeiro e perfeito cristão, nem sempre encontram instituições que contribuam com essa missão. Nessas circunstâncias, devem, sim, dispor da liberdade de educar seus filhos em casa, até porque prestarão contas dessa responsabilidade diante de Deus.

Ao menos um aspecto positivo resultou da repercussão do caso: com a atenção e relevância que ganhou, fomentou audiências no Congresso Nacional para a regularização da prática do *homeschooling*. Ainda não há, de fato, uma lei. Entretanto, a situação pressionou o andamento do

PL 1.338/2022, que busca criar regras para regulamentar o *homeschooling* e conceder segurança jurídica às famílias que adotam esse formato educacional. Por mais que ainda não haja uma data definida para sua tramitação, o parecer da proposta já é favorável e proporcionou um abaixo-assinado com mais de 56 mil assinaturas, pedindo que seja votado o quanto antes para evitar mais condenações judiciais.

Portanto, que tenhamos sempre diante de nossos olhos o papel e a responsabilidade que cada um possui para com as nossas crianças. Se, por um lado, há o dever inexorável de bem educá-las, por outro isso ganha também novos contornos: o de defender a liberdade para que os pais o façam da forma que julgarem melhor. No fim, não há quem compreenda melhor as circunstâncias dos filhos nem quem esteja mais preocupado com sua educação do que os próprios pais. Tolher sua capacidade de agir e, pior que isso, ameaçá-los com condenações penais é uma desumanidade sem tamanho que será para sempre uma triste mancha em nossa história.

Opinião

A inteligência artificial e a comunicação entre a liberdade e a ilusão

MARIANA MASCARENHAS

A publicação da encíclica *Magnífica humanitas* (MH), do Papa Leão XIV, insere a inteligência artificial (IA) em um debate que ultrapassa a esfera tecnológica e alcança questões éticas, sociais e comunicacionais. O tema dialoga, diretamente, com a história da comunicação e seus impactos sobre a forma como a sociedade constrói sentidos, interpreta a realidade e estabelece relações.

Ao longo dos séculos, cada revolução tecnológica alterou, profundamente, os processos comunicacionais. Da prensa móvel às redes sociais, as tecnologias ampliaram o acesso à informação, mas também remodelaram percepções e estruturas de poder. Hoje, a inteligência artificial inaugura um capítulo desta trajetória. Como alerta a encíclica, “a Magnífica Humanidade criada por Deus encontra-se hoje perante uma escolha decisiva: erigir uma nova torre de Babel ou construir a cidade onde Deus e a humanidade habitam juntos” (MH 1).

As duas imagens bíblicas evocadas pelo Papa no documento – a Torre de Babel e Jerusalém – sintetizam um dos principais desafios contemporâneos. Babel representa a unifor-



Arte: Sergio Ricciuti Conte

mização, a concentração de poder e a crença de que a técnica pode substituir a dimensão humana. Jerusalém simboliza a construção coletiva, a escuta e a valorização da diversidade (MH 7-8).

Um dos alertas mais originais da encíclica refere-se ao valor do limite e do erro. Em uma sociedade que busca otimizar tudo, corre-se o risco de desejar eliminar até mesmo a fragilidade humana. Contudo, “o huma-

no não floresce apesar dos limites, mas, muitas vezes, através dos limites” (MH 118). E o Papa acrescenta: “Para um algoritmo, o erro é algo a corrigir; para uma pessoa, pode ser o início de uma mudança profunda” (MH 128). Se a IA passar a antecipar respostas e substituir o esforço da reflexão, poderá comprometer justamente aquilo que impulsiona o amadurecimento humano.

Outro ponto crucial refere-se ao controle da informação. Poucas em-

presas concentram dados e capacidade de influenciar o imaginário coletivo (MH 95; 136). Soma-se a isso a possibilidade de a IA recriar imagens, vozes e acontecimentos, produzindo narrativas convincentes sobre fatos que jamais existiram. Em uma época marcada por “cegueira espiritual e cultural”, o Papa alerta para o risco de se romper com a memória histórica e naturalizar versões artificiais do passado (MH 204).

Diante desse cenário, a educação torna-se indispensável. Educar para a IA significa ensinar não apenas a utilizá-la, mas também a desenvolver pensamento crítico, discernimento e amor à verdade.

O debate, portanto, não é sobre rejeitar a inteligência artificial, mas sobre definir qual humanidade se deseja construir: uma nova Babel, guiada pela eficiência absoluta, ou uma civilização do amor, na qual a tecnologia esteja verdadeiramente a serviço da pessoa humana.

Mariana Mascarenhas é jornalista da Rede Conceptionista de Ensino, pesquisadora do Centro de Estudos Logo-Imagéticos CONDES-FOTÓS, mestra em Ciências Humanas e especialista em Comunicação Empresarial e Marketing Digital. Autora do livro *De Gutenberg a Zuckerberg: A jornada das imagens e a transformação da comunicação – liberdade ou ilusão?* (São Paulo: Editora Lumen et Virtus, 2026).

Comportamento

Deixa rastro

ALECSANDRO A. DE SOUZA

Há um gesto que se repete no Brasil sem que ninguém o decore. Entra-se em uma padaria, em uma farmácia e em um escritório, e ali está ela: Nossa Senhora, entre o calendário e o caixa, discreta como quem nunca saiu. Ninguém a exige. Ninguém a explica. É a piedade que se instala onde a vida acontece, sem pedir licença à teologia.

O industrial italiano Michele Ferrero, que fez de uma confeitaria de Alba o maior grupo de chocolates da Europa, entendeu isso antes que a teoria viesse explicar o que a piedade já sabia. Subia todos os anos a Lourdes – e não ia só: levava os altos diretores. Mandou pôr imagens de Nossa Senhora em cada fábrica do grupo. Quando lhe perguntaram, nos 50 anos da empresa, o segredo do êxito, respondeu sem hesitar: “O êxito da Ferrero devemos-lo à Virgem de Lourdes. Sem ela, podemos pouco.” O nome do bombom – Rocher, rocha em francês – é a assinatura que deixou em cada embrulho dourado. Entre o que rezava e o que fazia, nenhuma fronteira.

O reflexo moderno é arquivar isso como excentricidade –

a piedade inofensiva de um industrial rico. Seria cômodo – e falso. O que ali se via era uma tese: não há vida dupla. A fé em um compartimento, o ofício em outro – essa divisão que tomamos por natural é, em rigor, uma deformação. São Josemaría Escrivá dizia sem rodeios: “*Não pode haver uma vida dupla, não podemos ser como esquizofrênicos, se queremos ser cristãos.*” Há uma única vida – e é ela, por inteiro, que precisa ser santa.

A ideia é simples a ponto de parecer ingênua – e é sempre assim com as que duram. O mundo não é obstáculo entre nós e Deus, nem a antessala que se atravessa à espera do domingo. É o lugar onde a santidade se decide. Como dizia Escrivá: “*Deus nos espera cada dia: no laboratório, na sala de operações de um hospital, no quartel, na cátedra universitária, na fábrica, na oficina, no campo.*” A vocação cristã consiste em transformar em poesia heroica a prosa de cada dia.

Daí a pergunta que não poupa ninguém: este trabalho que faço agora, com que intenção o faço? Pela conta do mês, pela vaidade do reconhecimento, pelo medo de parar – ou por algo que o ultrapassa e o resgata? No mesmo gesto banal, o

ofício pode tornar-se altar ou espelho: oferta de quem se entrega ou reflexo de quem apenas se serve. Ferrero, ao que tudo indica, escolheu o altar. E não fez disso sermão: fez bombons.

A Igreja não deixou essa intuição sem nome. Entre os carismas com que o Espírito Santo serve a Igreja, houve este: recordar que o trabalho de cada dia também é matéria de santidade. Foi isso que São Josemaría explicou com nitidez. Por isso, a Igreja celebra a sua festa em 26 de junho. São João Paulo II chamou-o de santo do cotidiano. No livro *Caminho*, deixou a frase que dá nome a estas linhas: “*Que a tua vida não seja uma vida estéril. Sê útil. Deixa rastro.*” Ferrero compreendeu isso à sua maneira – e assinou cada embrulho com uma rocha. A imagem de Nossa Senhora entre o calendário e o caixa não está ali para propaganda. Está para lembrar que Deus também entra no trabalho – e que o que fazemos acaba sempre por revelar quem somos. Resta saber se, ao fim do dia, aquilo que fizemos sob o olhar da Virgem pode ser posto no altar – ou se, ali depositado, deporia contra nós.

Alecsandro A. de Souza
é administrador de empresas

Você Pergunta

Ajoelhar-se diante de uma imagem não é adoração?

PADRE CIDO PEREIRA
osaopaulo@uol.com.br

A Cleusa, de Guarulhos (SP), faz uma afirmação de fé, mas coloca uma dúvida: “Sei que não devemos adorar santos, mas ajoelhar-se diante de uma imagem de santo caracteriza adoração?”

Não, Cleusa! Não é adoração. É necessidade. Quando uma pessoa se ajoelha diante da imagem de um santo é porque precisa urgentemente da ajuda dele. Os santos são nossos companheiros. A nossa atitude de suplicar alguma coisa a eles de joelhos traduz a intensidade dos anseios da pessoa e não é uma adoração. Quanta gente, no desespero, cai de joelhos diante de outra pessoa, falando de suas necessidades? É assim que fazemos com os santos, nossos heróis, nossos companheiros, nossos amigos, nossos advogados. Quando a necessidade é muita, pedimos de joelhos a intercessão deles.

E isso é bem diferente de quando nos ajoelhamos diante do sacrário ou diante da hóstia consagrada. Lá está Jesus, e O adoramos, sabendo que Ele é tudo e, cada um de nós, nada; Ele é forte, somos fracos; Ele é Deus, merecedor da nossa adoração.

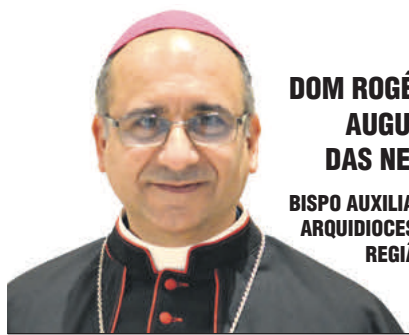
Eu quero lembrar a você, Cleusa, que nossas orações aos santos são sempre pedidos de intercessão. A Maria e aos santos, nós podemos falar de nossas necessidades, mas sempre pedido de que ela e eles intercedam por nós junto ao Senhor. Quem concede as graças não são eles. Eles pedem e Deus atende.

Você vai verificar isso nas orações das missas em louvor a Nossa Senhora e aos santos. A gente se dirige a Deus: “Senhor, nosso Deus... contando com a intercessão do santo... Senhor nosso Deus, pela intercessão de santo x ou y, ou de Maria, mãe do vosso Filho, nós vos pedimos isso e aquilo...”

Espero que tenha ficado claro, minha irmã. Fique com Deus.

Espiritualidade

O conhecimento enche de arrogância, mas o amor constrói



DOM ROGÉRIO
AUGUSTO
DAS NEVES
BISPO AUXILIAR DA
ARQUIDIOCESE NA
REGIÃO SÊ

Tenho encontrado algumas pessoas estudiosas, dedicadas e bem-intencionadas. Mas, às vezes, falta-lhes uma coisa importante. Algumas parecem dispostas a enfrentar qualquer discussão sobre a verdade, mas não querem discutir sobre a unidade, a comunhão e a caridade. Já encontrei algumas que não pensam duas vezes para discordar até do Papa e para dizer que não concordam com ele. Talvez não tenham percebido ainda que “conhecimento não é sinônimo de verdade”. O engano também é um tipo de conhecimento.

Essa discussão me faz lembrar da questão levantada pelos Coríntios a São Paulo Apóstolo: “*Nas festas reli-*

giosas civis sobravam carnes que no dia seguinte eram vendidas no mercado. Pergunta-se: os cristãos podem comprar e comer essas carnes que foram consagradas aos ídolos? Resposta: liberdade de consciência, mas respeito pela consciência do irmão; os ídolos não existem, mas isso não pode ser pretexto para desconsiderar o fraco (inseguro) na fé” (cf. comentário de rodapé, Novo Testamento, tradução oficial da CNBB, p. 460).

Textualmente, a resposta de Paulo foi: “*A respeito das carnes sacrificadas aos ídolos, sabemos que todos temos conhecimento. O conhecimento enche de arrogância, mas o amor constrói... Portanto, quanto a comer das carnes sacrificadas aos ídolos, sabemos que no mundo não existe nenhum ídolo e nenhum deus, a não ser um só... o alimento não nos aproximará de Deus; se não o comeremos, não teremos nada a menos e, se o comeremos, não teremos nada a mais... Tomai cuidado, porém, para que a vossa liberdade não se torne ocasião de queda para os fracos, pois, se alguém te vir a ti, que tens conhecimento, comendo à mesa em um templo*

de ídolo, não será sua consciência, que é fraca, induzida a comer carne oferecida aos ídolos? E, então, por causa do teu conhecimento, perece o fraco, o irmão, pelo qual Cristo morreu. Pecando assim contra os irmãos e ferindo a consciência deles, que é fraca, é contra Cristo que pecais. Por isso, se um alimento é ocasião de queda para meu irmão, nunca mais comerei carne, para não ser ocasião de queda para meu irmão” (cf. 1Cor 8,1-13).

Falando assim, São Paulo explicava que não se pode olhar somente para cima, é preciso olhar também para o lado. O individualismo não fazia parte de seu repertório. E isso da parte de alguém que antes era fariseu, isto é, judeu pertencente a um grupo que se orgulhava de cumprir todos os preceitos da lei, um por um e que, em geral, desprezava todas as demais pessoas que não faziam a mesma coisa. Basta ver o fariseu da parábola de Jesus que, ao rezar, dizia: “*Deus, eu te agradeço, porque não sou como os outros, ladrões, desonestos, adúlteros, nem como esse publicano. Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de toda a minha renda*”

(Lc 18,11-12).

Por isso, aqueles que gostam de estudar e se aprofundar na fé podem e devem fazê-lo de pleno direito. Afinal, devemos ter a capacidade de apresentar com inteligência a nossa fé, tal como dizia São Pedro: “*Antes, santificai o Senhor Jesus Cristo em vossos corações e estai sempre prontos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que a pedir*” (1Pd 3,15). Entretanto, nunca devem se esquecer de que o mais importante não é o que sabemos e sim o que cremos. E, também, devem recordar sempre que o nosso exemplo nos faz responsáveis pelos nossos irmãos, especialmente os mais fracos de consciência ou conhecimento. Eles não são inimigos a serem vencidos. Na verdade, são irmãos a serem amados e conduzidos generosamente. De mais a mais, o próprio Jesus já tinha alertado sobre a gravidade de escandalizar os irmãos: “*É inevitável que surjam escândalos, mas ai daquele que os causar! Seria melhor para ele ser atirado ao mar, com uma grande mó amarrada ao pescoço do que escandalizar um só desses pequenos*” (Lc 17,1-2).

Festas juninas em paróquias unem tradição, fé e senso de pertencimento comunitário e eclesial

Pascom paroquial



Gustavo de Sena Balog



Pascom paroquial



Paróquias Santo Afonso Maria de Ligório (Região Ipiranga), Imaculado Coração de Maria (Belém) e Cristo Rei (Lapa), em bairros periféricos, estão entre as que realizam festas juninas

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Comidas e músicas típicas, fogueira, *shows* de prêmios e bandeirinhas multicoloridas são parte do universo das festas juninas. Nas paróquias, quase sempre elas ocorrem nesta época do ano aos finais de semana após as missas ao cair da tarde ou do início da noite.

Reconhecidas como manifestação da cultura nacional pela lei 14.555/2023, as festas juninas remetem à devoção a quatro santos celebrados neste mês: Santo Antônio, dia 13; São João Batista, 24; e São Pedro e São Paulo, 29 (leia mais na página 7). Em muitas paróquias e comunidades, porém, as festividades começaram já em maio, em outras se estenderão pelo mês de julho.

ORIGENS E TRADIÇÕES

As festas juninas surgiram no século XII em sociedades agrárias do Hemisfério Norte. No começo do verão, povos como os bretões, bascos, sardenhos, persas e egípcios faziam festas e invocações pelo crescimento da vegetação, a fartura das colheitas e pediam chuvas. Com o tempo, foram incorporadas ao calendário da Igreja, com alusão aos santos celebrados em junho, especialmente São João, por isso, inicialmente, falava-se em “Festa Joanina”.

Trazidas ao Brasil pelos portugueses no século XVI, tornaram-se também conhecidas por “quermesse”, derivada de “*kerkmesse*”, do idioma flamengo, festividade com barracas de comes e bebes, brincadeiras e leilões de prendas que marcavam a inauguração de uma igreja. Em alguns povoados rurais do Brasil, ganharam ainda o nome de “arraiaí”, com trajes típicos interioranos e brincadeiras, como a encenação do casamento.

Entre seus traços mais marcantes estão a fogueira, que simboliza como Santa Isabel comunicou à Virgem Maria, mesmo a muitos quilômetros de

distância, que João Batista havia nascido; o mastro e as bandeiras, uma tradição portuguesa na qual eram erguidas na ponta superior de um mastro três bandeiras simbolizando Santo Antônio, São João e São Pedro; a quadrilha junina; e as comidas feitas com milho – como bolo, pamonha, milho verde, pipoca e canjica –, fruto fartamente colhido nesta época do ano.

MEMÓRIA E RELIGIOSIDADE POPULAR

Na Paróquia Cristo Rei, no Jardim Britânia, na zona Noroeste, Região Lapa, a festa junina ocorreu durante três finais de semana, aliando aspectos tradicionais e o clima da Copa do Mundo de Futebol, com a exibição do jogo de estreia da seleção brasileira no dia 13.

“A festa junina é uma tradição que passa de geração em geração, marcando a memória de diversas famílias; por isso, deve ser mantida nas paróquias. No meio periférico também é uma possibilidade de atração cultural mais acessível para um grupo mais carente”, afirma o Padre Cleyton Pontes Silva, Pároco.

Percepção similar tem o Padre Thiago Faccini Paro, Administrador Paroquial da Paróquia Imaculado Coração de Maria, no Jardim Rodolfo Pirani, na zona Leste, Região Belém: “A festa junina ajuda a guardar nossa história e heranças, e a manter a memória afetiva, gerando um ambiente de lazer, algo tão escasso na periferia”.

Preservar os valores ligados à religiosidade popular e à identidade das comunidades são alguns dos contributos desta festividade segundo o Padre Jefferson Mendes de Oliveira, Pároco da Paróquia Santo Afonso Maria de Ligório, na Água Funda, na zona Sudoeste, Região Ipiranga: “Em uma realidade de periferia, a importância da festa junina é ainda maior. Muitas famílias possuem poucas oportunidades de lazer acessível e seguro. A festa promovida pela Paróquia oferece um

ambiente familiar, acolhedor e marcado pelos valores cristãos. Ela fortalece os laços comunitários, promove a cultura popular e contribui para que a Igreja esteja cada vez mais próxima das pessoas”.

INTEGRAÇÃO PAROQUIAL

Os três padres comentaram ao **O SÃO PAULO** sobre como a festa junina contribui para o senso de pertencimento dos fiéis à comunidade paroquial.

“A organização de festa junina mobiliza agentes de diversas pastorais, movimentos e serviços, que trabalham juntos em um objetivo comum. Desde a preparação das barracas até a acolhida dos visitantes, todos têm a oportunidade de colaborar, fortalecer vínculos e vivenciar o espírito de comunhão que caracteriza a Igreja. Além disso, a festa aproxima pessoas que, muitas vezes, participam apenas das celebrações litúrgicas”, afirma Padre Jefferson.

Também na avaliação do Padre Thiago, os festejos ajudam a promover convivência: “O estar junto, o partilhar a vida e os dons geram vínculo e sentido de pertença”.

A maior participação dos fiéis e o comprometimento com a vida fraterna e a prática de fé são alguns benefícios que decorrem desta festividade, segundo Padre Cleyton. “Como uma ferramenta de evangelização e comunhão paroquial, a quermesse ajuda a engajar tanto os agentes das pastorais quanto toda a comunidade. Em um mundo marcado pelo individualismo, a festa proporciona encontros, diálogo e partilha. Também fomenta o senso de pertença na comunidade. A preparação do evento movimentou diversas pastorais, possibilitando a integração entre grupos que, por vezes, trabalham de forma isolada. Assim, também é uma possibilidade de colaboração mútua que gera unidade”.

RECURSOS REVERTIDOS À EVANGELIZAÇÃO

Os recursos obtidos nas festas juninas também são fundamentais para manter as ações das paróquias, especialmente as da periferia.

“O valor arrecadado na festa da Paróquia Imaculado Coração de Maria nos ajuda a fazer investimentos, manutenções e reformas, coisas que não realizaríamos apenas com o valor de dízimo e das coletas, com os quais praticamente não conseguimos pagar as despesas mensais”, explica Padre Thiago Faccini.

Também na Paróquia Santo Afonso Maria de Ligório, segundo o Padre Jefferson de Oliveira, os valores arrecadados na festa contribuem para custear despesas rotineiras, investir em melhorias estruturais e manter as ações evangelizadoras: “Os recursos serão destinados à manutenção das atividades pastorais, às obras de conservação do patrimônio paroquial e ao fortalecimento das iniciativas sociais e de evangelização desenvolvidas ao longo do ano”.

Este também é o cenário na Paróquia Cristo Rei. “O que se arrecada é uma grande colaboração para a evangelização, atividades pastorais, concretização de sonhos e projetos na comunidade. Devido às diversas demandas que temos, faltam espaços para as atividades. Os valores da festa junina, portanto, contribuirão para a ampliação do nosso espaço, a fim de facilitar a evangelização, a ação pastoral e a realização de eventos”, detalha Padre Cleyton.

As paróquias da Arquidiocese de São Paulo têm informado a programação de suas festas juninas por meio das redes sociais. Para saber detalhes daquelas citadas nesta reportagem, acesse os perfis no Instagram: Santo Afonso Maria de Ligório (@paroquiasantoafonso_), Cristo Rei (@paroquiacr) e Imaculado Coração de Maria (@paroquia_icm).

4 santos populares do mês de junho

SANTO ANTÔNIO



Santo Antônio não é somente o “santo casamenteiro”, como é conhecido na piedade popular. Nascido em Lisboa, Portugal, em 1195, ingressou na Ordem dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho aos 15 anos e recebeu a ordenação sacerdotal aos 24. Em 1220, passou a fazer parte da ordem franciscana e foi enviado em missão a Marrocos. Lá adoeceu e voltou à Itália. Depois, foi para Assis e passou por outras cidades, pregando o Evangelho especialmente no Norte da Itália e no Sul da França. Além disso, visitou conventos e abriu novas casas como superior de fraternidades franciscanas.

São muito famosos os sermões de Santo Antônio, com cerca de 6 mil citações bíblicas, menções dos grandes padres da Igreja e referências às ciências naturais. Escritos em linguagem facilmente compreensível, atraíram muitas pessoas, as quais, após ouvi-los, buscavam o sacramento da Reconciliação. Frei Antônio empenhou-se para que houvesse mudanças em leis de sua época a fim de que as moças cujas famílias não tinham dinheiro para o dote também pudessem se casar. Daí vem a fama de “santo casamenteiro”.

Ele faleceu em 13 de junho de 1231, em Pádua, na Itália, e foi proclamado doutor universal da Igreja em 1946 pelo Papa Pio XII.

SÃO JOÃO BATISTA



Pela graça de Deus, o casal de idosos Zacarias e Isabel concebeu João Batista, aquele que veio para “dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele.” (Jo 1,7). Na juventude, retirou-se para o deserto. Por volta dos anos 27 e 28 d.C., nas margens do Rio Jordão, iniciou a pregação sobre a vinda do Senhor e realizava o batismo de conversão: “Eu batizo com água, mas no meio de vós existe alguém que não conheceis, e que vem depois de mim” (Jo 1,26-27). Aos que batizava, recomendava que fizessem coisas para provar que haviam se convertido e que partilhassem o que tinham. Quando batizou Cristo, viu o Espírito Santo descer do céu e pôs como uma pomba sobre o Salvador (cf. Mt 3,13-17).

São João Batista foi preso e decapitado por volta do ano 32 d.C., após denunciar que Herodíades, esposa de um irmão de criação de Herodes, desfez a primeira união que tinha para se casar com este rei.

A natividade de São João Batista é celebrada em 24 de junho, tendo como referência o diálogo em que o Anjo anuncia a Maria que ela será a mãe do Salvador: “Também Isabel, tua parenta, até ela concebeu um filho na sua velhice; e já está no sexto mês aquela que é tida por estéril” (Lc 1,36). O martírio deste Santo é celebrado em 29 de agosto.

SÃO PEDRO E SÃO PAULO



Reprodução

Eles são chamados de “colunas da Igreja”: São Pedro, o primeiro entre os discípulos a professar a fé no Cristo e testemunhá-Lo, é considerado o primeiro papa; São Paulo, o Apóstolo dos Gentios, difundiu a fé em suas muitas viagens apostólicas. A escolha do dia 29 de junho para celebrar o martírio de ambos marca a substituição de uma festa pagã – dedicada a Rômulo e Remo, fundadores pagãos de Roma –, por uma festa cristianizada pela Igreja, que transformou os Santos nos novos “fundadores” da Roma cristã.

De temperamento inquieto e impulsivo, Pedro frequentemente questionava Cristo sobre as pregações e parábolas. Embora O tenha negado por três vezes (cf. Lc 22,54-60), foi o primeiro entre os apóstolos a reconhecer no Senhor o caminho da Salvação e ouviu de Jesus: “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do Reino dos Céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus” (Mt 16,18-19).

Depois da Ascensão do Senhor ao Céu, Pedro passou a pregar em público e a fazer curas em nome de Cristo. Durante a perseguição de Nero aos cristãos, este apóstolo foi preso e, por fim, crucificado, de cabeça para baixo, na Colina Vaticana.

Já São Paulo nasceu em Tarso e chamava-se Saulo. Era judeu, cidadão romano e perseguidor das comunidades cristãs: “Detestava a igreja, ia de casa em casa, arrastava homens e mulheres e os lançava à prisão” (At 8,3). Em uma destas ocasiões, quando ia em direção a Damasco, foi envolvido por uma forte luz, que o fez perder a visão e cair por terra. “Saulo, Saulo, por que me persegues?”, disse-lhe a voz do Senhor. E Saulo perguntou: “Quem és tu, Senhor?” Ele respondeu: “Eu sou Jesus, a quem você persegue. Levanta-te, entra na cidade; alguém te dirá o que deves fazer” (At 9,3-6). Três dias depois, recobrou a visão. Após ser batizado, iniciou o apostolado em Damasco. Na ida a Jerusalém, conheceu Pedro e os outros apóstolos, mas enfrentou a hostilidade dos judeus e a incredulidade de muitos cristãos. Assim, decidiu evangelizar em sua cidade natal, Tarso. Anos mais tarde, com Barnabé, foi a Antioquia e de lá seguiu para suas viagens apostólicas com a meta de converter os pagãos – os “gentios” – e formar novas comunidades e orientar as já estabelecidas.

Acusado pelos judeus de pregar contra a lei e de introduzir no templo um pagão convertido, Paulo foi preso e transferido para Roma, mas acabou libertado por falta de provas. Voltaria a ser preso tempos depois e condenado pelo Tribunal Romano, sendo, por fim, decapitado na Vila Ostiense.

(por Redação)

Livraria Loyola
sempre um bom livro para você .com.br

Loja Senador

R. Senador Feijó, 120 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01006-000
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasenador03@livrarialoyola.com.br

Loja Quintino

R. Quintino Bocaiúva, 234 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01004-010
WhatsApp (11) 95395-8927
lojaquintino05@livrarialoyola.com.br

Loja Santos

R. Padre Visconti, 08 - Embaré
Santos, SP - CEP 110040-150
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasantos04@livrarialoyola.com.br

Loja Campinas

R. Barão de Jaguara, 1389 - Centro
Campinas, SP - CEP 13015-002
WhatsApp (19) 3236-3567
lojacampinas03@livrarialoyola.com.br

A livraria mais completa do Brasil em
livros e artigos católicos

Mais de um milhão
de cópias vendidas



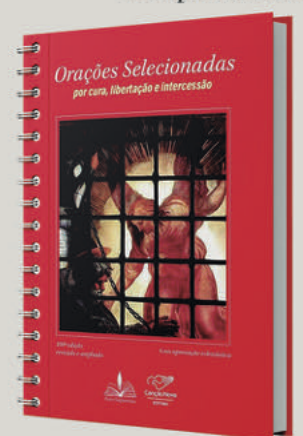
SÃO PIER FRASSATI
De: R\$ 34,90
POR: R\$ 27,90



A DIVINA EUCARISTIA
De: R\$ 182,00
POR: R\$ 145,60



O SANTO ROSÁRIO
R\$ 39,90



ORAÇÕES SELECIONADAS
De: R\$ 26,90
POR: R\$ 21,50

Para pedidos ligue: (11) 3105-7198 / 98459-5171 ou acesse: www.livrarialoyola.com.br



CNBB apresenta as novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil

DOCUMENTO, APROVADO PELO EPISCOPADO EM ABRIL, INDICA CAMINHOS PARA FORTALECER A COMUNHÃO, A PARTICIPAÇÃO E A MISSÃO DA IGREJA NOS PRÓXIMOS SEIS ANOS

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lançou oficialmente, no dia 17, as novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE 2026-2032). Aprovado durante a 62ª Assembleia Geral da entidade, em abril, o Documento 114 apresenta como eixo central o fortalecimento de uma Igreja sinodal, missionária e comprometida com a promoção da vida plena para todos.

Fruto de mais de três anos de trabalho, o texto foi construído por meio de um amplo processo de escuta, diálogo e discernimento, envolvendo bispos, especialistas, organismos eclesiais e representantes das Igrejas particulares.

Durante a cerimônia de lançamento, realizada na sede da CNBB, em Brasília (DF), o Cardeal Jaime Spengler, Arcebispo de Porto Alegre (RS) e Presidente da Conferência, destacou que as DGAE respondem aos desafios contemporâneos da evangelização e reafirmam a presença da Igreja em uma realidade marcada por profundas transformações sociais, culturais e religiosas.

Segundo Dom Leomar Antônio Brustolin, Arcebispo de Santa Maria (RS) e Presidente da comissão responsável pela elaboração das Diretrizes, o documento amadureceu ao longo de diversas etapas de reflexão e recebeu contribuições de todo o episcopado brasileiro.

'TENDA DO ENCONTRO'

Mais do que um conjunto de orientações pastorais, o Documento 114 propõe uma visão de Igreja inspirada na imagem bíblica da "Tenda do Encontro", tomada do livro do profeta Isaías: "Alarga o espaço da tua tenda" (Is 54,2). A figura simboliza uma comunidade aberta, acolhedora e capaz de ampliar seus espaços de participação, escuta e missão.

Ao apresentar os fundamentos bíblicos do documento, Dom Paulo Jackson Nóbrega de Sousa, Arcebispo de



Luz Lopes Junior/CNBB

DGAE 2026-2032 são lançadas pelo episcopado brasileiro em Brasília (DF), no dia 17

Olinda e Recife (PE) e 2º Vice-presidente da CNBB, destacou que a Igreja é chamada a ser "tenda do encontro, aberta a todos", lugar de acolhida, proteção e esperança. Segundo ele, a inspiração dos Atos dos Apóstolos reforça o ideal de comunidades alimentadas pela Palavra, pela oração, pela Eucaristia e pela caridade.

CONVERSÃO E MISSÃO

Nesse contexto, as Diretrizes assumem a sinodalidade como dimensão constitutiva da vida eclesial. O documento recorda que a Igreja é chamada a caminhar unida, fortalecendo relações de comunhão, participação e missão, em sintonia com as orientações do recente Sínodo sobre a Sinodalidade.

Dom Leomar afirmou que duas palavras sintetizam o espírito do documento: conversão e missão. "Não basta apenas organizar melhor a pastoral. Somos chamados a viver relações mais fraternas, processos mais participativos e uma autêntica conversão missionária".

O documento identifica ainda alguns dos principais desafios do tempo presente, entre eles a crescente fragmentação social, o individualismo, a polarização, as transformações culturais aceleradas e a necessidade de discernir os sinais de Deus na realidade contemporânea. Diante desse cenário, as Diretrizes propõem uma Igreja capaz de fortalecer a experiência comunitária e ampliar sua presença missionária nas periferias geográficas e existenciais.

CAMINHOS PARA A EVANGELIZAÇÃO

O texto está estruturado em torno de cinco caminhos pastorais considerados fundamentais para a ação evangelizadora. O primeiro deles é a Animação Bíblica da Vida e da Pastoral, que reafirma a centralidade da Palavra de Deus como fonte de toda a missão da Igreja. O segundo é a Iniciação à Vida Cristã, entendida como processo permanente de encontro com Jesus Cristo e formação de discípulos missionários.

O terceiro caminho destaca a construção de Comunidades de Discípulos

Missionários, fortalecendo a corresponsabilidade de todos os batizados e o sentido de pertença às Igrejas particulares. O quarto enfatiza a Liturgia e a Piedade Popular como espaços privilegiados de encontro com Deus e expressão da fé do povo. Já o quinto caminho, denominado Serviço à Vida Plena para Todos, reúne compromissos que atravessam toda a ação evangelizadora: a opção preferencial pelos pobres, a defesa da dignidade humana em todas as etapas da existência e o cuidado com a casa comum, à luz da ecologia integral.

CORRESPONSABILIDADE

As DGAE dedicam atenção especial aos diversos sujeitos da evangelização. O documento valoriza o protagonismo dos leigos na transformação da sociedade, incentiva que participem dos processos de discernimento e tomada de decisões, e reconhece sua missão nos diversos ambientes da vida pública.

Também ressalta as famílias como protagonistas da ação evangelizadora, além de destacar o cuidado pastoral com crianças, adolescentes, jovens, idosos, migrantes, povos originários e pessoas em situação de vulnerabilidade.

Outro aspecto fortemente presente no texto é o chamado a fortalecer uma cultura de corresponsabilidade. Nesse sentido, as Diretrizes incentivam a ampliação dos ministérios leigos e o fortalecimento dos organismos de participação, como expressão concreta de uma Igreja que caminha unida.

Com vigência até 2032, as novas Diretrizes reafirmam o propósito de uma Igreja em permanente estado de missão, sustentada pela Palavra de Deus e pelos sacramentos, comprometida com a comunhão e voltada ao anúncio do Evangelho em meio aos desafios do mundo atual. Como destacou Dom Leomar, trata-se de um convite para que a Igreja no Brasil seja cada vez mais "sinodal, missionária e próxima das pessoas", colocando suas estruturas e prioridades a serviço do Reino de Deus.



O MELHOR SISTEMA DE GESTÃO ECLESIAL DO BRASIL - 1987
Fortalecendo dioceses, paróquias e comunidades.

SOLUÇÕES ECLESIAIS

Financeiro
Controle Financeiro por centro de custos

Contábil ECD, ECF

Folha de pagamento EFD-Reinf

Gestão de Eventos
Sistema para eventos, quermesses, festas juninas etc.

Orgdom
APP diocesano e paroquial

OrgSmart
Captura de notas fiscais eletrônicas

Conciliação bancária eletrônica

Gestão pastoral, chancelaria, controle patrimonial e tribunal

ENTRE EM CONTATO



www.orgeclesial.com.br
reinaldo@orgeclesial.com.br

Escritório Franca
Rua Minas Gerais, 2041, Vila Aparecida Franca SP
16 99275-1899
16 2103-6166

Escritório São Paulo
Av. Paulista, 765, 7 Andar, Bela Vista São Paulo SP
16 99266-8613
11 2450-7344



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na internet, com mais artigos e links citados.

Reduções Jesuítico-Guarani: uma história que não pode ser esquecida

Em 2026, celebram-se os 400 anos do início das Reduções Jesuítico-Guarani, tema deste Caderno Fé e Cultura, no Sul do Brasil. Representam um dos episódios mais fascinantes e controversos da história das Américas. Por 130 anos, combinaram relativa autonomia político-econômica indígena com inserção no mundo colonial ibérico. Contudo, era uma aventura liderada por jesuítas, que tinham por meta a inculturação do Evangelho entre os nativos. Para a crítica contemporânea, isso parece imperdoável – ainda que raras vezes os povos indígenas encontrassem uma proposta tão respeitosa com seus direitos.

Arte: Sergio Ricciuto Conte



Francisco Borba
Ribeiro Neto*

Uma das maiores injustiças do julgamento contemporâneo das Missões repousa em uma anacronia: julga-se um projeto do século XVII com critérios do século XXI. A economia colonial hispânica repousava sobre a *encomienda*, que obrigava os indígenas a trabalhar compulsoriamente para os colonos. Nas regiões fronteiriças, bandeirantes paulistas capturavam indígenas para vendê-los como mão de obra escravizada.

Os jesuítas se recusaram a compactuar com este sistema. A evangelização implicava o reconhecimento da dignidade do evangelizado. Mas, ao fazerem isso, entraram em choque com o poder colonial – e pagaram um preço caro: as Reduções foram destruídas por tropas espanholas e portuguesas, em 1756, e os jesuítas terminaram expulsos: em 1759, de Portugal e suas colônias; e, em 1767, da Espanha e seus domínios.

As comunidades guaranis, ainda que sob a tutela jesuíta (condição essencial para terem a anuência dos

governos coloniais) gozavam da possibilidade de manter uma estrutura sociopolítica e econômica semelhante à original, além de terem desenvolvido atividades econômicas que as tornavam muitas vezes mais bem-sucedidas do que os colonos europeus.

Por outro lado, os brancos pobres do interior colonial, ainda que não vivessem sob a tutela jesuíta, também não gozavam do que hoje chamaríamos de autonomia pessoal. Viviam sob dominação e coerção que seriam hoje consideradas intoleráveis. Eram recrutados à força para guerras fronteiriças, presos por dívidas que não conseguiam pagar, submetidos a castigos corporais como forma de disciplina.

Os povos indígenas brasileiros, até o século XX, fora da ação dos missionários, enfrentaram apenas práticas de extermínio. O século XIX foi devastador. Políticas de “integração” confiscaram territórios indígenas, proibiram línguas originárias e apagaram identidades. Entre 1915 e 1970, em um início de mudanças de paradigma, o Serviço de Proteção ao Índio confinava povos em reservas minúsculas, incapazes de sustentar ciclos tradicionais de caça,

pesca e agricultura. Somente com a Constituição de 1988, os povos indígenas foram reconhecidos como sujeitos de direito com organização social, línguas e tradições próprias que o Estado tem obrigação de proteger – a Constituição chegou tardiamente a algo que os jesuítas, com os limites do seu tempo, já sabiam: direito a território, economia e forma de vida próprios. Contudo, mesmo assim, até hoje as terras indígenas, na prática, estão continuamente ameaçadas por invasões, pelo desrespeito aos direitos da população local e pela falta de alternativas econômicas viáveis para sua sobrevivência.

Para a mentalidade atual, o grande escândalo das missões em terras indígenas, nas reduções e fora delas, é a questão cultural. Os jesuítas mantiveram o idioma guarani, com direito a gramáticas e livros impressos; valorizaram a sensibilidade artística, desenvolvendo o barroco missioneiro e incorporando músicas e rituais às festividades cristãs, preservaram a autoridade política dos caciques e mantiveram o *abambaé* – propriedade familiar – e o *tupambaé* – propriedade coletiva. O problema reside na questão religiosa.

Os jesuítas tinham a convicção de que a fé cristã era necessária para a salvação. Daí derivavam consequências culturais precisas, como a adoção da monogamia e o desencorajamento do xamanismo. O julgamento desses custos culturais depende de uma pergunta que nenhuma documentação histórica pode responder: a fé cristã torna as pessoas mais felizes? Se a resposta for sim, as transformações podem ser interpretadas como um ganho efetivo – afinal, nenhuma cultura é estática e imune à relação com as demais. Se for não, os jesuítas praticaram uma violência simbólica que não se redime pelas boas intenções.

Infelizmente, o julgamento histórico das Reduções não está sendo feito a partir daquilo que representaram para os indígenas de seu tempo, mas do que podem representar para as pessoas de hoje e suas lutas políticas. Não nos cabe fazer mais um julgamento, mas, sim, dar o testemunho de que o ideal que motivou aqueles missionários ainda é válido nos tempos atuais.

*Sociólogo e biólogo, editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do jornal O SÃO PAULO

Reduções Jesuítico-Guarani: uma alternativa ao sistema de dominação colonial

Em 2026, o Rio Grande do Sul celebra os 400 anos das Missões Jesuítico-Guarani, ou Reduções, em seu território. Em 1626 foi fundada, às margens do Rio Uruguai, pelo Padre Roque González de Santa Cruz e outros jesuítas, a Redução de São Nicolau, a primeira localizada no território que atualmente pertence ao estado gaúcho e a primeira do conjunto dos Sete Povos, que, por sua vez, integrava os Trinta Povos das Missões. Esse extenso território também era denominado Província Jesuítica do Paraguai e incluía, ainda, parte da atual Argentina e do Brasil (correspondentes ao território atual do Rio Grande do Sul, do Paraná e de Santa Catarina).

Marina Massimi*

As Reduções Jesuítico-Guarani nasceram a partir de dois objetivos idealizados pelos missionários da Companhia de Jesus, que, presentes nos territórios latino-americanos desde meados do século XVI, perceberam a impossibilidade de exercer sua missão de evangelização nas condições de escravatura e de violência impostas pelos colonizadores. Era preciso criar as condições para o trabalho missionário. Entre os jesuítas, a busca de uma proposta alternativa a este sistema iníquo foi encabeçada pelo espanhol Diego de Torres Bollo.

As origens: liberdade e evangelização. Em primeiro lugar, era necessário garantir um espaço de liberdade para a população nativa, dado que já era um fato consumado a ocupação militar e a exploração econômica de suas terras pelo Império espanhol e pela Coroa portuguesa. Os indígenas eram submetidos a um regime de trabalho escravo ou semiescravo. No Brasil, tratava-se de trabalho escravo propriamente dito. No domínio espanhol, vigorava o sistema de *encomienda*, no qual o indígena trabalhava para colonos que, por outorga da Coroa, detinham o espaço territorial, atuando em minas de prata e na extração da erva-mate.

A primeira ação seria garantir um espaço de liberdade que permitisse o desenvolvimento humano das populações. Este espaço criaria as condições para o segundo objetivo: a evangelização. Somente seria possível evangelizar pessoas que fossem sujeitos com uso de sua liberdade e possibilidade de se autodeterminar quanto às suas escolhas. A experiência dos jesuítas no Brasil desde 1549 tornara evidentes os empecilhos decorrentes de uma política colonial voltada à exploração predatória de matérias-primas e trabalho humano para proveito exclusivo da metrópole e de seus colonos. Esta posição foi sintetizada por Antônio Vieira, que em 1655 exclamou diante de Dom João IV: “Perde-se o Brasil, senhor, porque alguns ministros de sua majestade não vêm cá buscar nosso bem, vêm cá buscar nossos bens”.

O projeto das reduções. No início do século XVII, esses dois objetivos – defesa da liberdade e dignidade da pessoa e evangelização – levaram os jesuítas a encaminhar uma proposta ao Padre Geral da Companhia de Jesus em Roma e à Coroa espanhola. O pro-

jeto elaborado por Torres Bollo, que se tornar-se-ia o primeiro provincial jesuíta da nova Província do Paraguai (que correspondia ao território reducional), e pelo jurista Francisco Alfaro visava à constituição de agregações urbanas chamadas de Reduções. Ali, morariam indígenas que quisessem aderir a uma proposta de vida “civil” (segundo o ideal humanista surgido no seio do Cristianismo nos séculos XVI-XVII) que incluía organização social, cultural, religiosa, modo de trabalho e formação educacional, sob supervisão de dois ou três missionários da Companhia de Jesus.

O termo “Redução” refere-se à

etimologia latina: redirecionar (*reductio ad unum*) as populações para uma vida social moldada pelos ideais cristãos. Nesse território, a Coroa espanhola garantiria a autonomia das comunidades, cujos moradores seriam vassallos diretos do Rei, proibindo a entrada de colonos que pudessem submetê-los à escravatura ou à *encomienda*. A proposta foi implementada a partir de 1604 na Província Jesuítica do Paraguai.

A adesão dos guaranis. As populações, a maioria de etnia guarani, viviam espalhadas no território em pequenos grupos liderados por um chefe

político e religioso (cacique), migrando frequentemente por necessidades materiais, mas que assumiam também o significado religioso de busca de uma “terra sem males”. Convidados pelos missionários, vários chefes aceitaram porque a proposta garantia um espaço de autonomia em um território no qual o avanço dos colonizadores e bandeirantes já se mostrava inevitável.

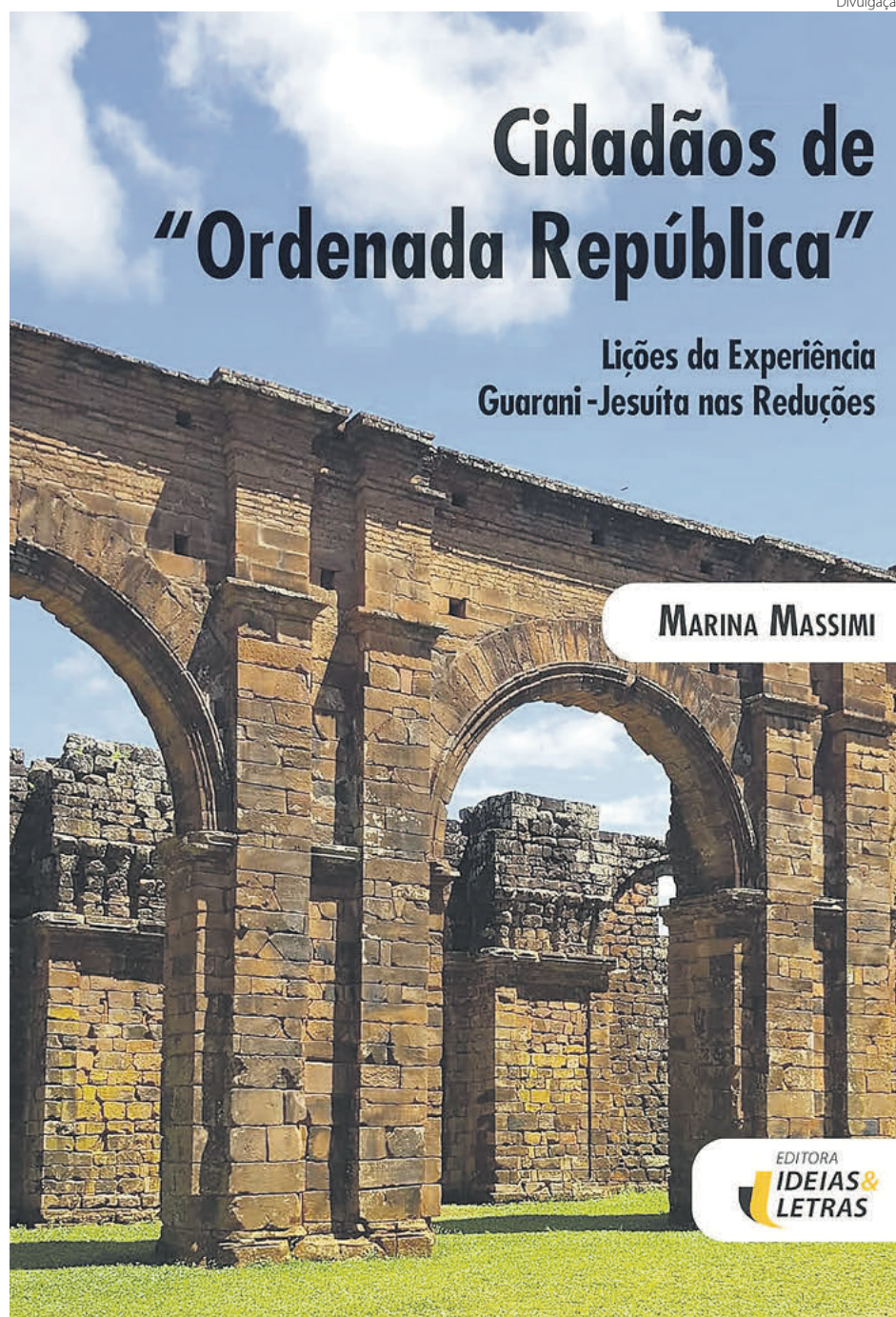
Houve caciques que se rebelaram violentamente, vendo nos jesuítas uma ameaça à sua liderança, o que ocasionou o martírio de missionários como Roque González, o fundador de São Nicolau. Todavia, grande parte da população guarani aceitou a proposta por julgá-la conveniente: para além da liberdade, haveria a possibilidade de aprender idiomas, técnicas agrícolas, artes, além de criar uma sociedade com sustento político, econômico e cultural. A evangelização foi realizada gradualmente, na medida em que os indígenas passavam a confiar na amizade dos religiosos.

Ao longo de cerca de 150 anos — de 1610 até 1756, quando foi destruída pela força conjunta dos exércitos coloniais espanhol e português — criaram-se trinta núcleos urbanos com populações de até 7 mil nativos para no máximo três jesuítas. Estes números evidenciam que houve uma efetiva adesão dos guaranis que sustentou toda a experiência — algo que não ocorreu em outros âmbitos da presença missionária no mundo e que deu origem a uma realidade totalmente nova.

O Cristianismo feliz nas Américas. Analisaremos aqui brevemente as causas do surgimento e do fim desta experiência que foi definida por um importante intelectual italiano da época, Ludovico Antônio Muratori, como “Cristianismo Feliz”, título de seu livro sobre a Província Jesuítica do Paraguai, que se tornou um *best-seller* com edições em diversos idiomas.

Essa experiência gerou grande vivacidade civil e econômica. Hoje, as ruínas remanescentes ainda mostram a grandeza e a beleza das suas construções e templos. A vinda de missionários arquitetos, engenheiros, escultores e músicos foi o ponto de referência para a formação de artistas e artesãos guaranis.

Toda Redução se constituía em torno de uma grande praça circular, tendo a igreja como ponto central. Ao lado, havia a casa dos padres e o colégio, onde todos os moradores podiam aprender a ler e escrever em guarani e espanhol. Havia também oficinas,



Em *Cidadãos de “Ordenada República”* (São Paulo: Ideias & Letras, 2025), Marina Massimi apresenta de forma fascinante a experiência das Reduções Guarani-Jesuítas na América do Sul, sob a ótica pioneira da psicologia histórica; em uma obra transdisciplinar, que conecta história, psicologia e antropologia, valendo-se de cartas e diários da época que humanizam os relatos. A autora estuda como o encontro entre a tradição indígena e a cultura católica moldou novas formas de subjetividade, afeto e convivência social.

Divulgação



roças, o cemitério e o *cotiguaçu* (casa grande para viúvas e órfãos). Cada Redução possuía uma estância, uma grande fazenda para agricultura e pecuária que abastecia a comunidade e servia para o comércio. Ali moravam um irmão jesuíta e homens da Redução ocupados com o cultivo e o gado.

O gado europeu, importado via Buenos Aires e levado às estâncias, adaptou-se e reproduziu-se, dando origem ao gado gaúcho. A produção das estâncias chegou a ser muito significativa, exportando erva-mate e algodão para a Europa, o que contribuía para o bem-estar das populações. O governo de cada Redução era regido por um *cabildo*, seguindo uma organização municipal de origem medieval herdada do direito espanhol, mas com a participação do cacique guarani. Essas funções eram escolhidas entre o grupo das lideranças nativas, em geral entre os de maior prestígio, capacidade de mando e condições administrativas. A autoridade continuava nas mãos dos índios, com a orientação dos jesuítas.

O diálogo intercultural entre guaranis e missionários. As Reduções foram palco de um intenso diálogo

intercultural. Pautados pelo método *acomodativo* (adaptação flexível das práticas cristãs às culturas locais, evitando rupturas radicais, para facilitar a evangelização), inspirado no preceito paulino de “se fazer tudo para todos”, os missionários aprenderam o idioma guarani e buscaram conhecer, com discernimento, os traços daquela realidade indígena. Adaptaram os conteúdos cristãos a partir de elementos que poderiam ser compartilhados, como o gosto pela música e decoração, o uso da palavra para exortação, o amor pela terra e o valor da vida comunitária.

Esses elementos moldaram a estrutura urbana, na qual praças e igrejas acolhiam a comunidade, e as varandas das casas permitiam o contato direto com a natureza. Recorreu-se ao diálogo com os catecúmenos guaranis para conversar com o restante da população sobre suas experiências religiosas. Desenvolveram-se celebrações com músicas corais e instrumentos construídos localmente. Nasceu a arte plástica guarani-jesuítica, com imagens sagradas que refletiam a sensibilidade indígena. Os colégios e bibliotecas permitiram aos guaranis a apropriação da escrita e da cultura oci-

dental. Foi decisivo o trabalho de elaboração de dicionários e catecismos na língua nativa, difundidos pela imprensa móvel que funcionava nas Reduções.

Os conflitos e o fim das Reduções. Ao longo da história, as Reduções sofreram muitas ameaças. A principal eram as investidas dos bandeirantes paulistas, que atacavam os núcleos, saqueando, destruindo, estuprando e capturando os guaranis para a escravidão. Eram considerados os principais inimigos, mas as reclamações da Companhia à Corte portuguesa foram inúteis, pois as bandeiras ampliavam os domínios coloniais e a predação das riquezas da terra.

Inicialmente construídas em territórios que hoje ocupam Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, as Reduções tiveram que recuar em migrações perigosas para a região do atual Paraguai. Ali, o governador Hernando Arias de Saavedra aceitou a proposta de estabelecer o que seria a Província Jesuítica do Paraguai. A expansão retomou a partir de 1610, e as últimas edificações ocorreram no atual território gaúcho.

Conforme o Tratado de Madri, de 1750, uma parte do território das Re-

duções, onde ficavam as comunidades de São Miguel, São Nicolau, São Borja, São Lourenço, São Luiz Gonzaga, São João Batista e Santo Ângelo, os “Sete Povos”, deveria passar do domínio espanhol para o português. As comunidades indígenas se recusaram a aceitar o Tratado e foram massacradas pelos exércitos português e castelhano. Mais de 1,5 mil indígenas foram mortos e as famílias sobreviventes foram exterminadas.

Após a expulsão dos jesuítas (em 1759 do território português e em 1767 do espanhol), a região foi assolada por guerras de fronteira entre os exércitos dos recém-constituídos Estados Nacionais no início do século XIX, e os indígenas remanescentes foram cooptados como mão de obra ou servidores militares. Restam hoje ruínas majestosas, patrimônio mundial reconhecido pela Unesco, que testemunham uma história interrompida cuja continuidade teria certamente traçado os contornos de uma América Latina mais integrada e indígena.

*Professora sênior no Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP), ganhou o Prêmio Jabuti Acadêmico 2024, na categoria Psicologia e Psicanálise, pelo livro *História dos Saberes Psicológicos na Cultura Brasileira* (São Paulo: Edusp), reconhecendo sua contribuição à história da psicologia no Brasil colonial e jesuítico

LIVROS

Um Brasil que já pensava a alma antes de a Psicologia existir

O livro *História dos Saberes Psicológicos na Cultura Brasileira*, de Marina Massimi, vencedor do Prêmio Jabuti Acadêmico 2024, desafia a ideia de que a Psicologia no Brasil começou apenas no fim do século XIX, mostrando que o período colonial já era um rico laboratório de reflexão sobre a subjetividade humana, por meio de cartas, sermões e tratados. Mostra a riqueza da visão cristã sobre a subjetividade humana, no período colonial.

Redação

Antes de qualquer laboratório, divã ou manual diagnóstico, o Brasil colonial já produzia – e muito – sobre a vida interior do ser humano. É essa a tese central de *História dos Saberes Psicológicos na Cultura Brasileira*, da pesquisadora Marina Massimi, professora sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP. Lançado pela Edusp em 2023, com 504 páginas, o livro conquistou o 1º lugar na categoria Psicologia e Psicanálise do Prêmio Jabuti Acadêmico 2024 – primeira edição da distinção criada pela Câmara Brasileira do Livro para reconhecer obras científicas de excelência.

A obra é o resultado de quase cinco décadas de pesquisa de Massimi e desafia uma ideia ainda comum: a de que só existe psicologia a partir do fim do século XIX. A autora mostra que,

entre o século XVI e o final do XVIII, já circulava no Brasil um repertório vasto e diverso de saberes sobre memória, paixões, vontade e entendimento – só que espalhados em cartas, sermões, tratados de educação, novelas morais e relatos de festas religiosas, e não em artigos científicos.

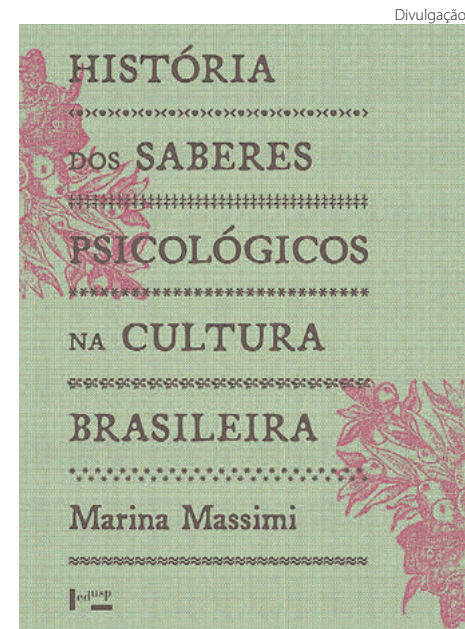
Os jesuítas ocupam o centro do livro. Seus escritos pedagógicos e religiosos, herdeiros da tradição aristotélico-tomista, foram remodelados pelo contato com os povos indígenas e pela própria experiência da catequese nas Américas. O Padre Alexandre de Gusmão, autor de tratados de educação amplamente lidos na colônia, ganha destaque especial nessa reconstrução. Mas Massimi não se limita ao clero: também investiga leigos que, por meio de romances alegóricos e relatos autobiográficos, refletiam sobre o que hoje chamaríamos de subjetividade.

O grande mérito do livro é justamente este: tratar o Brasil colonial não

como simples receptor passivo de ideias europeias, mas como um laboratório próprio de reflexão sobre o humano – atravessado, é claro, pela violência da colonização e pelo choque entre cosmovisões diferentes. Nesse sentido, a obra conversa de forma natural com debates atuais sobre decolonialidade, sem precisar forçar o argumento.

Trata-se de uma leitura densa. As 504 páginas e a análise minuciosa de fontes do século XVI ao XVIII pedem familiaridade com a história da Psicologia e disposição para uma leitura mais acadêmica – o prefácio de Regina Helena de Freitas Campos (UFMG) ajuda a situar o leitor antes de entrar na argumentação principal. De qualquer forma, é um livro que muda a pergunta de partida: em vez de perguntar quando a Psicologia “chegou” ao Brasil, Massimi pergunta o que os brasileiros já pensavam sobre si mesmos muito antes de existir uma ciência com esse nome. O Jabuti

Acadêmico, nesse caso, parece prêmio bem direcionado.



Divulgação
MASSIMI, Marina. *História dos Saberes Psicológicos na Cultura Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2023. 504 p.

CINE E VÍDEO

Quando o cinema percebe a grandeza da obra missionária

Visualmente deslumbrante, o filme *A Missão* é um clássico que provoca reflexões sobre fé, poder e colonialismo. Contudo, não faltam críticas à sua precisão histórica e à caracterização de seus personagens.

Redação

Vencedor da Palma de Ouro em Cannes e incluído na lista dos 45 melhores filmes sobre religião, compilada pela então Pontifícia Comissão para as Comunicações Sociais, em 1995, *A Missão* é um épico histórico britânico que narra o conflito que levou à destruição das Reduções Jesuítico-Guarani.

A história acompanha o padre jesuíta Gabriel (Jeremy Irons), que evangeliza os indígenas guarani por meio da música, tocando oboé nas selvas acima das cataratas. Paralelamente, Rodrigo Mendoza (Robert De Niro), mercenário e traficante de escravos, busca redenção após assassinar o próprio irmão por ciúmes. Sua penitência consiste em arrastar sua pesada armadura montanha acima até a missão de San Carlos, onde é perdoado pelos mesmos

guaranis que antes caçava. Ambos são confrontados com a tragédia quando o Tratado de Madri (1750) transfere as missões do domínio espanhol para o português, permitindo a escravidão indígena. Gabriel escolhe resistência pacífica por meio da oração, enquanto Mendoza retoma as armas para defender os nativos, culminando em um massacre devastador.

O filme captura o espírito da Guerra Guaranítica (1754-1756) e das reduções jesuíticas reais, mas toma liberdades dramáticas significativas. Embora o Tratado de Madri e a proteção jesuíta aos guaranis sejam históricos, os protagonistas são fictícios. Historicamente, foram os próprios guaranis, liderados por figuras como Sepé Tiaraju, que resistiram posteriormente. Alguns críticos apontam que o filme minimiza o protagonismo indígena, retratando-os como coad-

juvantes passivos enquanto privilegia dilemas morais europeus. Outros enfatizaram que os conflitos internos do processo de evangelização foram ignorados, omitindo a permanência de crenças indígenas e o antagonismo entre algumas lideranças e os jesuítas.

Além da Palma de Ouro, o filme venceu o Oscar de Melhor Fotografia (Chris Menges) e o Bafta de Melhor Edição e Ator Coadjuvante. Recebeu sete indicações ao Oscar, incluindo Melhor Filme e Diretor. A trilha sonora de Ennio Morricone, com o sublime “Gabriel’s Oboe”, conquistou o Globo de Ouro e o Bafta, sendo considerada uma das melhores da história do cinema.

Como acontece frequentemente nos filmes, mesmo quando simpáticos ao catolicismo e à fé cristã, deve ser tomado como obra de entretenimento, não como registro da história real.



Divulgação
A MISSÃO (The Mission)
Direção: Roland Joffé.
Roteiro: Robert Bolt.
Elenco: Robert De Niro, Jeremy Irons, Ray McAnally.
Produção: Goldcrest Films, Kingsmere, Enigma Productions (Inglaterra, 1986).
Duração: 125 minutos.

Há 20 anos, Paróquia São Miguel Arcanjo é presença evangelizadora no Jardim da Conquista

AO CELEBRAR DUAS DÉCADAS, COMUNIDADE PAROQUIAL REAFIRMA O COMPROMISSO DE TESTEMUNHAR A FÉ, A ESPERANÇA E A CARIDADE CRISTÃ

ROSEANE WELTER
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Não havia asfalto, nem água encanada, apenas mato, poeira e, quando chovia, muita lama. Mas existia a vontade de um povo de ter um lugar para viver a fé. Foi dessa semente que nasceu, há 20 anos, a Paróquia São Miguel Arcanjo, no Jardim da Conquista, no extremo Leste de São Paulo.

A história da Paróquia une-se à do bairro. Ao longo da década de 1990, famílias de diferentes partes do Brasil – especialmente da Região Nordeste – foram ocupando aquele território em meio às lutas por moradia e vida digna. “Quando as primeiras famílias chegaram, ainda não havia infraestrutura. Não tínhamos nada”, recordou Margarida Maria de Oliveira, 60, ministra extraordinária da Sagrada Comunhão e integrante da Pastoral da Saúde.

Ela acompanhou de perto cada etapa da construção da comunidade. As primeiras missas eram celebradas no terreno em que hoje se situa a igreja matriz, na Travessa Pé de Manacá, 57: “Foi tudo feito com a ajuda dos moradores, por meio de mutirões, rifas, bingos, quermesses e doações. Primeiro construímos a igreja e, depois de muitos anos, conseguimos regularizar toda a documentação e quitar o terreno”.

A ereção canônica da Paróquia ocorreu em 27 de junho de 2006, feita pelo Cardeal Cláudio Hummes, à época Arcebispo Metropolitano. Desde então, a Paróquia, pertencente ao Decanato Sant’Ana e São Joaquim da Região Belém, cresceu e conta com sete comunidades: Sagrado Coração de Jesus, Natividade de Maria, Santa Rita de Cássia, Imaculada Conceição, Santa Edwiges, Nossa Senhora do Carmo e Divino Espírito Santo, distribuídas pelos bairros Jardim da Conquista, Alto Paulistano e Jardim Nova Conquista.

CELEBRAR EM COMUNIDADE

Para celebrar os 20 anos, a comunidade escolheu a quadra da Emef Professor Carlos Correa Mascaro. “Os fiéis fizeram questão de lembrar que as primeiras missas no bairro aconteciam em praças públicas e nas ruas, em meio às limitações da época”, explicou o Padre Elinaldo Assunção, MSC, Vigário Paroquial. “Ao propor a missa na quadra da escola, quisemos dar atenção a estes dois aspectos: recordar as raízes históricas da comunidade e, ao mesmo tempo, a necessidade prática de acomodar os fiéis que vieram representando todas as comunidades e a matriz. Somos membros de um mesmo corpo eclesial, em comunhão e caminhando juntos”, complementou.

A missa, no domingo, 21, presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, teve a participação de representantes de todas as comunidades paroquiais, e como

Fotos: Luciney Martins/O SÃO PAULO



Missa pelos 20 anos da Paróquia São Miguel Arcanjo é celebrada por Dom Odilo na quadra de uma escola no Jardim da Conquista, dia 21

concelebrantes o próprio Padre Elinaldo, além dos Padres Ailton Rodrigues Damasceno, MSC, Pároco; Luis Carlos Araújo Moraes, MSC, Superior Provincial dos Missionários do Sagrado Coração; Rodrigo Domingues, MSC; e Vidal Valentín Cantero Zapattini, CSS, Pároco da Paróquia São Gaspar Bertoni e Decano, com a assistência do Diácono Marcel Alves Martins.

TESTEMUNHAS DE JESUS

“Estou muito feliz em ver que vocês, em 20 anos, deram muitos passos, estão firmes com as comunidades organizadas. Aqui povo é que não falta, e vocês são comunidades presentes, comunidades missionárias no meio desta imensidão aqui dos bairros desta área de São Paulo”, afirmou Dom Odilo durante a missa.

O Arcebispo ressaltou que, embora a Paróquia seja relativamente jovem, a Igreja já está profundamente enraizada na realidade local, por meio da atuação dos sacerdotes, das lideranças, das famílias e das diversas comunidades: “A Igreja está presente, isso significa que as testemunhas de Jesus aqui estão também. O Evangelho está vivo, está resplandecendo aqui para ajudar esse povo a viver conforme o Reino de Deus”.

Dom Odilo rogou a Deus para que continue a abençoar, orientar, iluminar e fortalecer os passos da comunidade paroquial: “Que vocês possam continuar a cumprir a missão que lhes é própria. Vocês são Igreja Católica aqui neste bairro. Que Deus os ajude e que o Arcanjo São Miguel, padroeiro, seja companheiro, defensor em todas as lutas e combates, e lhes dê coragem e confiança”.

MISSÃO EVANGELIZADORA

A responsabilidade pastoral pela Paróquia está a cargo dos Missionários do Sagrado Coração (MSC), cujo carisma é atuar justamente em regiões

periféricas, marcadas por grandes desafios sociais.

Padre Ailton afirmou que a Paróquia conta com cerca de 20 pastorais e movimentos ativos e dinâmicos: “Temos pastorais como Catequese, Liturgia, Dízimo, Familiar, grupos de oração e uma participação bastante significativa da juventude, especialmente nas celebrações e na liturgia”.

O Pároco sublinhou que a Pastoral Social tem visitado famílias em situação de vulnerabilidade ou sem moradia, bem como pessoas em situação de rua. “Também distribuímos, em média, de 50 a 60 cestas básicas por mês, além de realizar encaminhamentos a serviços públicos de emprego e assistência”, detalhou. Margarida Maria recordou as visitas feitas pela Pastoral da Saúde aos doentes, “levando acolhida, oração e a Sagrada Comunhão, além de organizar, com os sacerdotes, a administração do sacramento da Unção dos Enfermos. Também são encaminhadas necessidades materiais identificadas durante as visitas, como cadeiras de rodas, cadeiras de banho, camas hospitalares e outros equipamentos”.

João Vitor Nascimento, 27, coordenador da Liturgia, descreveu a Paróquia como uma comunidade viva: “Tanto a matriz quanto as comunidades têm celebração eucarística todos os fins de semana. Os jovens são bem engajados nas pastorais e as famílias participam ativamente”.

Julia Novaes Brito, 21, coordenadora da Pastoral da Comunicação, contou à reportagem que na adolescência, passou por diferentes denominações pentecostais, mas durante a pandemia de COVID-19 retornou à fé católica: “Aqui é meu lugar, minha paróquia, minha comunidade onde sirvo. Agradeço a Deus por fazer parte desta história”. Ela é uma das 25 agentes da Pas-

com que se dedicam às transmissões *on-line*, à divulgação das ações pastorais e à missão de comunicar Jesus e o Evangelho a partir da Paróquia.

Padre Ailton espera que a Paróquia continue crescendo no sentido da fé: “As pessoas desejam a reforma da igreja, e isso também é importante, mas a primeira reforma é espiritual. Que todos cresçam na adesão a Cristo, na vivência da Palavra de Deus e que possamos alcançar muitas outras famílias que ainda precisam ser evangelizadas”, comenta. “Quando falamos de paróquia, não estamos falando de um prédio, mas do povo que vive da fé e segue o próprio Deus”, enfatizou.

O SÃO PAULO

www.osaopaulo.org.br

No site do jornal **O SÃO PAULO**, você acessa conteúdos atualizados sobre a Igreja e a sociedade em São Paulo, no Brasil e no mundo. A seguir, algumas notícias e artigos publicados recentemente.

Papa: testemunhar o Evangelho ‘mesmo onde seu valor não é compreendido ou aceito’

<https://curt.link/OvSRd>

Presidente da ACN: ‘Hoje há mais mártires do que nos primeiros séculos do Cristianismo’

<https://curt.link/HFLLO>

Semana Mundial da Alergia alerta para a prevenção e o diagnóstico

<https://curt.link/ZoKsU>

Comissão apresenta o relatório da pesquisa nacional ‘Evangelização da Juventude no Brasil 2025’

<https://curt.link/IUofk>

Pascom paroquial



CNBB divulga mensagem ao povo brasileiro por ocasião das eleições de 2026

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por meio de seu conselho permanente, publicou na quinta-feira, 18, uma mensagem ao povo brasileiro por ocasião das eleições de 2026. No texto, os bispos ressaltam que a Igreja Católica não indica candidatos nem partidos, mas que, “movida pelo Evangelho e pela missão de anunciá-lo, promove a vida, a dignidade humana e serve à construção do bem comum”, na certeza cristã de que “a política, quando orientada pela ética, constitui uma das mais elevadas formas de caridade”.

Os bispos afirmam que as eleições representam uma oportunidade privilegiada para o exercício da cidadania e da corresponsabilidade social, e que mais do que escolher governantes e representantes, os eleitores são chamados a renovar o compromisso com valores fundamentais que sustentam a convivência democrática, a justiça social e a fraternidade.

A CNBB manifesta preocupação com a desigualdade social, a corrupção, a compra de votos, o uso indevido de recursos públicos e a disseminação deliberada de notícias falsas. Alerta, ainda, que o abuso do poder econômico e político, assim como as diversas formas de violência, fragilizam a confiança nas insti-

tuições democráticas e comprometem a convivência social.

Os bispos também sublinham a necessidade de fortalecer a democracia por meio do respeito às instituições da República, à Constituição federal, ao Estado democrático de direito e aos mecanismos legítimos de apuração da vontade popular. Igualmente, destacam a importância da confiança no processo eleitoral, do respeito aos resultados das urnas e da observância da Lei da Ficha Limpa.

“Convidamos cada eleitor e eleitora a assumir sua responsabilidade. A ausência não é a melhor escolha. O discernimento cristão exige olhar não apenas para promessas de campanha, mas,

principalmente, para a história de vida dos candidatos e as consequências dos compromissos assumidos. O Brasil necessita reforçar a capacidade de construir pontes, promover encontros e cultivar a amizade social”, consta em outro trecho da mensagem, na qual também os bispos pedem a todos os homens e mulheres de boa vontade que sejam “testemunhas da cultura do encontro, promotores da paz social e construtores da fraternidade”.

A mensagem é concluída com uma oração pela nação brasileira, confiando o País à proteção de Nossa Senhora Aparecida e pedindo que Deus ilumine cada eleitor.

(Com informações da CNBB)

‘Tudo na nossa vida é dom, é graça de Deus’, afirma Dom Carlos Lema ao celebrar 12 anos de episcopado

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

Bispo Auxiliar de São Paulo desde 2014, Dom Carlos Lema Garcia, Vigário Episcopal para a Educação e a Universidade, presidiu, no domingo, 21, na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, Decanato São Mateus da Região Ipiranga, a missa em ação de graças pelos seus 12 anos de ordenação episcopal, realizada na Catedral da Sé em 29 de junho daquele ano, pela imposição das mãos do Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo.

A Eucaristia, que teve como concelebrantes os Padres Kauê Iago Ribeiro, OMV, Pároco, e André Mariano Flávio, OMV, Pároco da Paróquia São João Batista, da Diocese de Jundiá (SP), também foi em comemoração dos 70 anos de nascimento do Bispo, a serem completados em 30 de junho.

Na homília, ao falar sobre as leituras daquele 12º Domingo do Tempo Co-



Mauro Cesar Bertolino

Prestes a completar 70 anos de idade, Dom Carlos Lema celebra 12 anos de episcopado

mum, Dom Carlos comentou que a esperança cristã consiste em alcançar a vida eterna, mas que cabe a cada pessoa agir para tal, vivendo verdadeiramente os sacramentos da vida cristã e esforçando-se para a prática cotidiana da santidade no meio do mundo.

O Bispo explicou o porquê da escolha daquela Paróquia, no Planalto Paulista, para a missa: “Meus pais são do Rio Grande do Sul, onde se conheceram e se casaram. Quando vieram para São Paulo, em 1953, compraram uma pequena casa na esquina da Avenida Iraí com a Ala-

meda dos Guaicanãs [vias deste bairro], onde eu e meus seis irmãos nascemos”. Ele também recordou sua participação no movimento Cruzada Eucarística, ainda criança, e os exemplos de dedicação de seus pais.

“Tudo na nossa vida é dom, é graça de Deus”, disse, agradecendo ao Senhor por sua trajetória eclesial e de vida, e pedindo, ainda, as orações de todos para que bem cumpra a missão que Deus lhe confiou.

Dom Carlos Lema Garcia foi nomeado Bispo Auxiliar de São Paulo em 30 de abril de 2014, quando exercia a função de Diretor Espiritual da Prelazia Pessoal do Opus Dei no Brasil, a qual integra desde os 18 anos de idade. Graduado em Direito, recebeu a ordenação presbiteral em Roma, em 1985, por São João Paulo II. Na Arquidiocese de São Paulo, após ser ordenado, foi designado Vigário Episcopal para a Educação e a Universidade. Seu lema episcopal é “*Iter para tutum*” (Preparai um caminho seguro).

(Colaborou: Karen Eufrosino)

Dia Nacional do Migrante é comemorado em São Paulo

Luciney Martins/O SÃO PAULO



No domingo, 21, a Rede Clamor São Paulo organizou no Arsenal da Esperança, na capital paulista, um momento de celebração e partilha por ocasião do Dia Nacional do Migrante, este ano com o tema “Migração e Moradia: ‘Eu não tenho onde morar’”.

Participaram membros de diversas instituições que acolhem e acompanham os migrantes em São Paulo (foto), como o Arsenal da Esperança, Caemi-Palotinas, Caritas Arquidiocesana de São Paulo (Casp), Casa do Migrante Terra Nova III/SPM, Centro de Integração do Migrante (CIM), Missão Paz, Missão Scalabriniana Cambuci, Missão Scalabriniana Pari, Missionárias Seculares Scalabrinianas, Sefras-Casa de Assis e Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), incluindo representantes de todos os continentes, especialmente da África e da América do Sul.

A missa foi presidida pelo Padre Simone Bernardi, do Sermig – Fraternidade da Esperança, comunidade missionária responsável pelo Arsenal da Esperança, e assistida pelo Diácono Márcio José Ribeiro, Diretor da Caritas Arquidiocesana de São Paulo.

Padre Simone pediu que os participantes da missa fa-

lassem, em seu próprio idioma, a frase de Jesus proclamada no Evangelho do dia: “Não tenhais medo”.

“Por que o Senhor nos pede para não termos medo? Porque nós temos. A violência dá medo, o racismo dá medo, as ideologias que nos dividem dão medo, as guerras que causam morte entre irmãos dão muito medo! Mas Jesus deu Sua vida por amor a todos, para converter e salvar a todos. E é justamente a partir dessa Sua escolha de amor total, que Ele nos pede para não termos medo dos homens. Não porque nós sejamos fortes e corajosos, mas porque Ele não teve medo de amar a todos, até os inimigos”, disse o Padre.

Ao final da missa, o Diácono Márcio enalteceu a atuação das instituições que acolhem e acompanham os migrantes em São Paulo. Ele recordou que a Casp atua de maneira mais direta em favor dos refugiados.

Após a celebração, todos foram ao Museu da Imigração e participaram de uma visita monitorada a respeito da memória da antiga Hospedaria de Imigrantes do Brás, que tinha suas instalações onde hoje é o Museu e o Arsenal da Esperança.

(por Redação, com informações do Arsenal da Esperança)

SANTANA

Dom Márcio Vidal faz visita pastoral à Paróquia Nossa Senhora Consolata

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

Entre os dias 18 e 20, Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, realizou visita pastoral à Paróquia Nossa Senhora Consolata, Decanato São Judas Tadeu.

Na manhã da quinta-feira, 18, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana foi acolhido pelos Padres Claudio Cobalchini, IMC, Pároco, e Fred Opiyo Okumu, Vigário Paroquial, ambos do Instituto Missões Consolata (IMC). Após conhecer as dependências da matriz paroquial, no Jardim São Bento, Dom Márcio revisou os livros de registro e o Livro Tombo. Também recebeu informações sobre a história da comunidade e as diversas áreas de atuação pastoral. Ao meio-dia, rezou a Hora Média e almoçou com a comunidade dos missionários da Consolata. No período da tarde, celebrou missa com os enfermos e idosos, ministrando o sacramento da Unção dos Enfermos com o Pároco. A celebração contou com a presença dos membros da Pastoral da Saúde. Em seguida, visitou a comunidade dos Arautos do Evangelho, localizada ao lado da sede paroquial, sendo recebido pelos Padres Marcos Faes de Araújo e Ignacio Montojo Magro e demais membros da comunidade.

Ainda na quinta-feira, à noite, o Bispo reuniu-se com membros do Conselho Paroquial de Pastoral (CPP) e do Conselho de Assuntos Econômicos Paroquial (Caep), ocasião em que recebeu informações sobre o trabalho de evangelização



Pascom paroquial

realizado pelos diversos agentes de pastoral. O encontro foi marcado pela escuta, acolhida e incentivo. Dom Márcio agradeceu o testemunho dos conselheiros, destacando o zelo pela missão da Igreja, a formação na fé e os trabalhos de caridade e assistência aos mais necessitados. Também os encorajou ao compromisso pastoral, alicerçados na vivência de uma espiritualidade enraizada na Palavra de Deus, na celebração do mistério da fé – especialmente na Eucaristia – e no fortalecimento da identidade missionária da Paróquia.

Na sexta-feira, 19, o Bispo visitou centros de educação infantil mantidos e administrados pela Paróquia no Jardim Peri. Após dialogar com as educadoras e a equipe de coordenação, almoçou em uma das unidades, acompanhado do Pároco, do Padre Juarez Dalan, Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Penha, e do Diácono Norberto Celestino. À tarde, reuniu-se com as lideran-

ças da Comunidade Santa Gertrudes e visitou alguns idosos e enfermos. No mesmo dia, encontrou-se com representantes de movimentos como Vicentinos, Apostolado da Oração, Pastoral da Caridade, entre outros.

No sábado, 20, reuniu-se pela manhã com crianças, adolescentes e jovens da Catequese, servidores do altar, grupo de escoteiros e grupos juvenis. Ele refletiu sobre a participação na vida comunitária, as vocações e ouviu testemunhos de algumas lideranças. Também partilhou sua própria história vocacional e respondeu a perguntas dos jovens. No final da tarde, presidiu a missa solene em honra à padroeira, Nossa Senhora Consolata, concelebrada pelo Pároco, pelo Vigário Paroquial e sacerdotes dos Arautos do Evangelho. Após a missa, a comunidade participou da festa com barracas, comidas típicas e música.

(Com informações de Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros)



Alexandre Leal

No domingo, 21, em missa na Paróquia Santa Rita de Cássia, Decanato São Tiago de Zebedeu, 120 jovens e adultos receberam o sacramento da Confirmação pelas mãos de Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana. Entre os crismandos, 30 também fizeram a primeira Eucaristia. Concelebraram os Freis Pedro Higo Silva do Nascimento, OSA, Pároco, e Nelson da Silva Santos, OSA.

(por Fernando Fernandes)

Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, presidiu a missa na Capela Santo Antônio, da Paróquia São José Operário, Decanato São Matias, na manhã do domingo, 21. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana saudou a comunidade e recordou aspectos de sua trajetória sacerdotal e da espiritualidade agostiniana. Refletindo sobre o Evangelho do dia, destacou que os medos e as inseguranças humanas são superados pela confiança em Deus, que acompanha o seu povo em todos os momentos. Concelebrou o Padre Wagner Scarponi, Pároco.

(por Marcelo Fagner)



Marcelo Fagner

Liturgia e Vida
Dois irmãos de fé,
de apostolado
e de martírio

SOLENIIDADE DE SÃO PEDRO E
SÃO PAULO - 28 DE JUNHO DE 2026

PADRE JOÃO BECHARA VENTURA

A divina Providência conduziu até Roma – então considerada como “centro do mundo” – dois homens que, dotados de histórias e características diversas, tinham em comum o amor a Cristo e o desejo de torná-Lo amado em toda a terra. E porque eles ali sofreram o martírio de sangue, Roma é ainda hoje a “Sede Apostólica”, cujo Bispo é o Papa, legítimo sucessor de São Pedro. Por suas ruas e templos, cristãos de todo o mundo se sentem em casa. Congregações e ordens religiosas têm lá suas sedes gerais. Católicos de todos os continentes ali se encontram para fazer a sua “romaria” e para “ver Pedro”.

São Pedro foi um dos primeiros a seguir Jesus. Recebeu o nome de “Pedra” (“Cefas”) pois, como uma rocha, deveria sustentar toda a Igreja, já que o Senhor lhe entregou “as chaves do reino dos Céus”. Na Última Ceia, Jesus lhe mandou “confirmar os irmãos” e, depois da Ressurreição, lhe ordenou: “Apascenta as minhas ovelhas”. Pedro andou sobre as águas, presenciou a reanimação da filha de Jairo, contemplou a Transfiguração e esteve com Cristo no Getsêmani. Quando muitos discípulos abandonavam o Senhor, escandalizados pelo anúncio de que deveriam comer a sua Carne na Eucaristia, foi Pedro quem disse: “A quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna!” Foi o primeiro a reconhecer, inspirado pelo próprio Deus, que Jesus é “o Messias, o Filho do Deus vivo”. A ele foi confiado o apostolado com os judeus.

São Paulo, ao contrário, fora um tenaz perseguidor da Igreja. Conheceu Jesus somente depois da Ressurreição, quando caiu por terra a caminho de Damasco. Considerava-se, por isso, “um abortivo”. Os seus pecados do passado, todavia, moveram-no a trabalhar com afincamento ainda maior, a ponto de afirmar: “O amor de Cristo nos impele!” e “Eu trabalhei mais do que todos; mas não eu, a graça de Deus em mim!” Comprovou, por meio de ações, as suas próprias palavras, segundo as quais “onde abundou o pecado, superabundou a graça”. Somente de um coração apaixonado como o seu poderiam brotar frases como “não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim”; “considero tudo como esterco, para ganhar Cristo”; “para mim, o viver é Cristo” ou “quem nos separará do amor de Cristo?!” A ele incumbiu o apostolado com os pagãos.

Pedro morreu na cruz e Paulo pela espada, unidos na mesma caridade e no mesmo Senhor. São invocados juntos, pois seu sangue consagrou o solo de Roma e fez com que se tornasse, sob o ponto de vista espiritual, a “caput mundi” – “capital do mundo”. Segundo um antigo mito, Roma teria surgido a partir dos irmãos Remo e Rômulo. Segundo a verdade cristã, a Roma católica – universal – surgiu do sangue dos irmãos de fé São Pedro e São Paulo. Eles “refundaram” espiritualmente a Cidade Eterna, que passou a dar “cidadania” a todos os membros da família de Deus. Não chegaram a ver os frutos de seu suor e de seus sofrimentos, mas, naquele chão, a Igreja ainda hoje se apoia; de lá, o Evangelho se propaga até os confins da terra.

IPIRANGA

Famílias são beneficiadas com a entrega de apartamentos em projeto apoiado pela Pastoral da Moradia

KAREN EUFROSINO
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Foram entregues, no dia 15, no Jardim Savério, as 50 unidades de moradia popular do Projeto Dandara, edifício construído no modelo de autogestão, que é fruto da parceria entre a Pastoral da Moradia da Região Ipiranga, a Associação dos Movimentos de Moradia da Região Sudeste e o Programa Pode Entrar, da Prefeitura de São Paulo.

Na manhã fria e chuvosa, os contemplados estavam visivelmente emocionados durante a assinatura dos contratos e ao entrarem em seus novos apartamentos.

Participaram da cerimônia de entrega das chaves o prefeito Ricardo Nunes, o secretário municipal de Ha-



Arquivo pessoal

bitação, Diogo Soares, além de vereadores, coordenadores, lideranças dos movimentos de moradia e agentes da Pastoral da Moradia. Por motivos de saúde, o Padre Antonio Ferreira Naves, SAC, Assistente Eclesiástico regional da Pastoral da Moradia, não pôde comparecer.

O prédio fica próximo à Comunidade Nossa Senhora da Moradia, cuja história e fundação estão diretamente ligadas aos movimentos e à Pastoral da Moradia do Jardim Celeste, na área de agrangência da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Jesus, Decanato Santo André.

Detalhes sobre o Projeto Dandara foram publicados no **O SÃO PAULO** em março, na série de reportagens sobre a Campanha da Fraternidade de 2026. Leia a íntegra no *link* a seguir: <https://curt.link/Hovvn>.



Keila Roberts

Dom Celso Alexandre presidiu missa na **Paróquia São João Batista, o Precursor, e São João Batista Scalabrini**, Decanato São Marcos, no domingo, 21, concelebrada pelos Padres Antônio Cesar Seganfredo, CS, Pároco, e Dickson Saint-Claire, CS. A cerimônia teve início pela procissão na rua da igreja, com parada na Praça Padre José Marchetti, inaugurada no início do ano, e terminou na matriz paroquial. A celebração ocorreu no contexto da Solenidade do nascimento de São João Batista, o Precursor, cuja data litúrgica é 24 de junho.

(por Keila Roberts)



Pascom paroquial

No domingo, 21, Dom Celso Alexandre presidiu missa na **Paróquia Nossa Senhora Aparecida**, na Vila Arapuá, Decanato Santo André. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga refletiu sobre a liturgia dominical. "Assim como Deus encorajou Jeremias, Jesus também nos lembra no Evangelho: 'Não tenhais medo dos homens'. Uma palavra de conforto e esperança para nós", enfatizou. A Eucaristia foi concelebrada pelo Padre Jonathan Aparecido Lopes Gasques, Administrador Paroquial.

(por Pascom paroquial)



Mayara Melo

No dia 15, Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, palestrou no primeiro dia do congresso teológico do **Santuário São Judas Tadeu**, Decanato São Mateus, que este ano tratou sobre o tema "A Igreja, mistério de comunhão: fora da Igreja há salvação?". Ele conduziu a palestra sobre a origem e a missão da Igreja.

(por Comunicação do Santuário São Judas Tadeu)

RETIRO DO CLERO ARQUIDIOCESANO EM ITAICI



Mônica Maalouli

Em missa no sábado, 20, presidida por Dom Celso Alexandre no **Santuário São Judas Tadeu**, Decanato São Mateus, 99 adultos receberam o sacramento da Confirmação. Foram concelebrantes os Padres André Luiz de Souza Alves, SCJ, e Igor Jerônimo Almeida Pereira, SCJ, Vigários Paroquiais.

(por Karen Eufrosino)



Arquivo pessoal

Com a participação de 43 padres e 2 diáconos, aconteceu entre os dias 15 e 18, no Mosteiro de Itaici, em Indaiatuba (SP), o retiro do clero da Arquidiocese de São Paulo, em atividade coordenada pelo Padre Jorge Bernardes, Vigário-Geral Adjunto para a Região Ipiranga, e com a condução da teóloga Andréa Cristina Serrato, que tratou do tema "À espera de Deus e ao encontro do Ressuscitado: Simone Weil e Maria Madalena no excesso do Amor". A proposta articulou a experiência mística da filósofa francesa com o testemunho evangélico da Santa que foi a primeira anunciadora da Ressurreição, destacando o amor como caminho privilegiado de encontro com Deus. Os participantes foram convidados a aprofundar a dimensão contemplativa da vida presbiteral, refletindo sobre a espera de Deus na realidade cotidiana, a experiência do vazio fecundo, a força transformadora da graça e a centralidade do encontro pessoal com Cristo Ressuscitado. Missas, adoração ao Santíssimo Sacramento, celebração penitencial, oração pessoal e convivência fraterna fizeram parte das atividades.

(com informações do Padre Antonio de Lisboa Lustosa Lopes)

BRASILÂNDIA

Festa do padroeiro mobiliza a Paróquia São Luís Gonzaga

TAÍSE CORTÊS
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

“São Luís, fiel à sua vocação, anunciou, testemunhou a fé e santificou-se no seu sim a Deus.” Com este tema, foi celebrado o padroeiro da Paróquia São Luís Gonzaga, Decanato Santa Isabel e São Zacarias, entre os dias 14 e 21.

No primeiro da festa, houve uma carreata. Da quinta-feira, 18, ao sábado, 20, aconteceu o tríduo do padroeiro, com missas presididas a cada dia por bispos auxiliares da Arquidiocese, nesta ordem: Dom Carlos Lema Garcia, Dom Celso Alexandre e Dom Edilson de Souza Silva. Eles destacaram os santos como exemplos do anúncio de amor a Deus, e lembraram que São Luís Gonzaga foi um jovem que se santificou no cuidado aos mais necessitados, vendo neles o próprio Cristo.

No domingo, 21, na memória litúrgica do padroeiro dos estudantes, seminaristas e enfermos, a missa solene foi presidida pelo Cônego José Renato Ferreira, Pároco, assistido pelos Diá-

conos Aparecido Francisco Cavanha e David de Oliveira.

Na homilia, o Sacerdote disse que a vida cristã é essencialmente missão, inspirada no Evangelho e no exemplo de Jesus, que chama seus discípulos a cuidarem da vida, combaterem o mal e viverem a misericórdia com coragem, mesmo diante das dificuldades e perseguições. Ao recordar São Luís Gonzaga, o Pároco ressaltou a santidade como resposta generosa ao chamado de Deus, vivida na oração, na vida comunitária, na alegria e no serviço concreto aos mais vulneráveis.

Na finalização da celebração, houve um momento devocional e representantes dos voluntários da Quermesse na Praça, que ocorre este mês, foram ao presbitério e, diante da imagem de São Luís Gonzaga, pediram sua intercessão para que sempre façam tudo por amor a Deus, à Igreja e à comunidade.

Durante toda a festa, como gesto concreto, foram doados alimentos não perecíveis, que serão destinados ao Arsenal da Esperança.



Olivia Hernandez



Pascom paroquial

No domingo, 21, em missa na **Paróquia Santíssima Trindade**, Decanato São Barnabé, 23 adultos e jovens foram crismados por Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa. Concelebrou o Padre José Miguel Portillo, CSSp., Pároco, com a assistência do Diácono Josenildo Alves.

(por Ryquelme Costa)

LAPA

Benigno Naveira



No domingo, 21, foi celebrado o 3º dia do tríduo do padroeiro da **Paróquia São Thomas More**, Decanato São Bartolomeu. A Eucaristia foi presidida pelo Padre Marcos da Costa Ramos, SJC, Pároco, que recordou a biografia do Santo inglês que não aceitou o pedido de sua família para renegar a religião católica e sua fé, e que por questões políticas e religiosas foi preso e condenado à morte pelo Rei Henrique VIII, que o considerava como seu opositor. São Thomas More foi canonizado pelo Papa Pio XI em 1935, e sua memória litúrgica é celebrada em 22 de junho. No ano 2000, São João Paulo II o declarou protetor e padroeiro dos políticos.

(por Benigno Naveira)



Pascom paroquial

No domingo, 21, o Grupo de Samaritanos formado por voluntários ligados à **Comunidade São Joaquim e Sant'Ana**, no Jardim Humaitá, pertencente à Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Decanato São Simão, preparou um almoço com 100 refeições, que foram distribuídas a pessoas em situação de rua nas imediações da Companhia de Entrepósitos e Armazém Gerais de São Paulo (Ceagesp)

(por Benigno Naveira, com informações da Pascom paroquial)

Atos da Cúria

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE ADMINISTRADOR PAROQUIAL

Em 08/06/2026, foi nomeado e provisionado como **Administrador Paroquial** da **Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora**, no bairro Bom Retiro, Decanato São Paulo, Região Episcopal Sé, o Reverendíssimo Padre Magno Fonzar Albuquerque, SDB, até 31/12/2026.

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE VIGÁRIO PAROQUIAL

Em 02/06/2026, foi nomeado e provisionado como **Vigário Paroquial** da **Paróquia Santo Antônio**, no bairro do Limão, Decanato São Pedro, Região Episcopal Brasilândia, o Reverendíssimo Padre Alysson Antunes Carvalho, 'até que se mande o contrário'.

PRORROGAÇÃO DA NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE VIGÁRIO PAROQUIAL

Em 08/04/2026, foi prorrogada a nomeação e provisão como **Vigário Paroquial** da **Paróquia Nossa Senhora da Candelária**, no

bairro Vila Maria, Decanato São Tiago de Zebedeu, Região Episcopal Sant'Ana, do Reverendíssimo Padre Rarden Luís Pedrosa, SCJ, pelo período de 01 (ano) ano.

PRORROGAÇÃO DA NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE CAPELÃO

Em 17/06/2026, foi prorrogada a nomeação e provisão como **Capelão** da **Capela Nossa Senhora de Sion**, no bairro Higienópolis, Decanato São Tiago de Alfeu, Região Episcopal Sé, do Reverendíssimo Padre Dom Lourenço (João Luiz) Palata Viola, OSB, pelo período de 03 (três) anos.

PRORROGAÇÃO DA NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE ACESSOR ECLESIASTICO

Em 12/06/2026, foi prorrogada a nomeação e provisão como **Acessor Eclesiástico** da **Pastoral da Saúde** da **Região Sant'Ana** do **Diácono Permanente Sr. Márcio Cesena**, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 12/06/2026, foi prorrogada a nome-

ação e provisão como **Acessor Eclesiástico** da **Pastoral dos Secretários Paroquiais** da **Região Sant'Ana** do Reverendíssimo Padre Aloizio José Nunes de Azevedo Junior, pelo período de 02 (dois) anos.

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE ASSISTENTE ECLESIASTICO

Em 12/06/2026, foi nomeado e provisionado como **Assistente Eclesiástico** da **Caritas Arquidiocesana** de São Paulo da **Região Episcopal Sant'Ana** o **Diácono Permanente Sr. Márcio José Ribeiro**, pelo período de 02 (dois) anos.

POSSES DE OFÍCIO

Em 06/06/2026, foi dada a posse canônica como **Administrador Paroquial** da **Paróquia Nossa Senhora Aparecida**, no bairro Vila Zat, Decanato Santa Isabel e São Zacarias, Região Episcopal Brasilândia, ao Reverendíssimo Padre Douglas da Silva Gonzaga.

Em 07/06/2026, foi dada a posse canônica como **Vigário Paroquial** da **Paróquia Santo**

Antônio, no bairro do Limão, Decanato São Pedro, Região Episcopal Brasilândia, ao Reverendíssimo Padre Alysson Antunes Carvalho.

PRORROGAÇÃO DA NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE ASSISTENTE ECLESIASTICO

Em 12/06/2026, foi prorrogada a nomeação e provisão como **Assistente Eclesiástico** da **Pastoral da Criança** da **Região Sant'Ana** do Reverendíssimo Padre Marcos Antônio Dias de Almeida, MS, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 12/06/2026, foi prorrogada a nomeação e provisão como **Assistente Eclesiástico** da **Pastoral da Pessoa Idosa** da **Região Sant'Ana** do Reverendíssimo Padre Francisco Ferreira da Silva, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 12/06/2026, foi prorrogada a nomeação e provisão como **Assistente Eclesiástico** da **Pastoral Vocacional** da **Região Sant'Ana** do Reverendíssimo Padre Alan Santos Leite, pelo período de 02 (dois) anos.

SÉ



Pascom São Luís Gozaga

No sábado, 20, na Paróquia São Luís Gonzaga, Decanato São João Evangelista, 80 pessoas, de diferentes regiões episcopais, participaram do **Encontro arquiocesano para os membros do Serviço de Escuta**, com o tema "Relacionamentos no mundo de hoje". A atividade contou com momentos de formação, reflexão e partilha sobre os desafios das relações humanas na sociedade contemporânea e sua importância no trabalho de acolhida e acompanhamento realizado pelo Serviço de Escuta. A assessoria foi do Padre José Roberto Abreu de Mattos, Pároco e Reitor da Basílica Menor de Sant'Ana, na Região Santana. **(por Secretariado de Comunicação Regional)**



Nazza Photo

No dia 14, em missa na **Paróquia Sagrado Coração de Jesus**, Decanato São Paulo, Dom Rogério Augusto das Neves conferiu o sacramento da Crisma a 48 pessoas. Concelebrou o Padre Cássio Rodrigo de Oliveira, SDB, Delegado Inspetorial para a Formação da Inspeção Salesiana. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé recordou a força do Espírito Santo como o guia seguro para todos, e conectou o envio dos novos crismados à santidade da família e à profunda devoção ao Sagrado Coração de Jesus. **(por Pascom paroquial)**



Comunicação Canção Nova

Entre os dias 19 e 21, a **Comunidade Canção Nova** presente na Região Sé realizou, no Colégio Liceu Sagrado Coração de Jesus, Decanato São Paulo, mais uma edição do retiro Maranathá, idealizado em 1978 pelo fundador da Comunidade, o Monsenhor Jonas Abib. Desta vez, participaram 55 pessoas, em momentos de oração, formação e renovação da fé, à luz do tema "O profetismo do Padre Jonas Abib" e do lema "O Espírito sopra onde quer" (Jo 3,8). **(por Edcleide Campos)**



Pascom paroquial

No domingo, 21, a **Paróquia São Luís Gonzaga**, Decanato São João Evangelista, celebrou a memória de seu padroeiro, reunindo fiéis para momentos de oração, devoção, convivência fraterna e celebrações eucarísticas. Houve a bênção com a relíquia de São Luís Gonzaga, recebida com grande devoção pelos fiéis. Após as celebrações, aconteceu um almoço festivo. **(por Secretariado de Comunicação Regional)**



Pascom paroquial

No domingo, 21, Dom Carlos Lema Garcia, Bispo Auxiliar da Arquidiocese e Vigário Episcopal para a Educação e a Universidade, presidiu a missa que abriu as comemorações dos 60 anos de criação da **Paróquia Nossa Senhora dos Remédios** (1967-2027). A programação deste ano jubilar terá momentos celebrativos e de oração, formações e exposições sobre as seis décadas de missão e evangelização no bairro do Cambuci. Durante a missa, concelebrada pelo Padre Ricardo Anacleto, Pároco, foram investidos 12 novos servidores do altar. **(por Pascom paroquial)**

BELÉM



Graziela Americano

Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia Nossa Senhora do Sagrado Coração**, Decanato São Lucas, no domingo, 21, e conferiu o sacramento da Confirmação a 117 jovens e adultos. Concelebraram sacerdotes Missionários do Sagrado Coração, entre os quais o Padre Girley Reis, MSC, Pároco. **(por Fernando Arthur)**



Pascom paroquial

Em missa na noite do domingo, 21, na **Paróquia São Paulo Apóstolo**, Decanato Santa Maria e São José, Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, conferiu o sacramento da Crisma a 25 jovens e adultos. Concelebrou o Padre Fabiano Alcides Pereira, Pároco. **(por Fernando Arthur)**



Camila Oliveira

No sábado, 20, Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, presidiu missa na **Paróquia São José do Belém**, Decanato Santa Maria e São José, e conferiu o sacramento da Confirmação a 30 jovens e adultos, paroquianos e alunos e ex-alunos do Instituto Nossa Senhora Auxiliadora (Insa). A Eucaristia foi concelebrada pelo Padre Marcelo Maróstica Quadro, Pároco. **(por Fernando Arthur)**

ERRAMOS

Na manchete de capa da edição 3602, grafamos erroneamente a expressão "paz douradora". A grafia correta, para o sentido expresso pelo título, seria "paz duradoura". O download em PDF da edição com a devida correção pode ser feito em <https://osaopaulo.org.br/impresso>.

México

Famílias de desaparecidos fazem da Copa do Mundo um apelo de socorro

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

Enquanto milhões de pessoas acompanham os jogos do Mundial de 2026, no México há quem tenha decidido aproveitar o maior palco desportivo do planeta para lembrar uma realidade muito menos visível: o sério problema das pessoas desaparecidas no país.

Nas últimas semanas, além da disposição de sindicatos de professores e organizações de bairro, grupos de familiares de desaparecidos lançaram uma iniciativa intitulada *Mundial pelos Desaparecidos*, um conjunto de ações que procura levar a sua exigência de verdade e justiça

a uma audiência global. Trata-se de uma oportunidade única para dar visibilidade a uma crise que consideram ignorada dentro e fora do país.

Entre esses grupos está “Fuerzas Unidas por Nuestros Desaparecidos y Desaparecidas en Nuevo León”, organização formada por familiares que procuram os seus entes queridos há 15 anos.

“O *Mundial pelos Desaparecidos* é um conjunto de ações que realizamos desde o mês passado, quando lançamos uma campanha em 11 idiomas com a pergunta que nos fazemos sempre: ‘Onde estão?’”, explica Angélica Orozco, membro

e porta-voz do grupo.

O país vive há anos uma das maiores crises de desaparecimentos do mundo. Segundo dados oficiais, há mais de 133 mil pessoas desaparecidas e não localizadas. Para a sociedade, a persistência do problema tem uma explicação clara: a impunidade.

A gravidade da situação foi assinada por organismos internacionais. O Comitê das Nações Unidas contra o Desaparecimento Forçado decidiu levar o caso mexicano à Assembleia Geral da ONU após concluir que existem “indícios fundados” de desaparecimentos forçados que podem equivaler a crimes con-

tra a humanidade. O organismo também alertou para a existência de milhares de fossas clandestinas e dezenas de milhares de restos humanos por identificar.

A ativista denuncia que, enquanto as autoridades investem recursos para projetar uma imagem positiva do país, as famílias continuam a enfrentar deficiências estruturais na busca de seus entes queridos.

“Queremos que o Estado olhe para as pessoas desaparecidas com a mesma atenção que dedica a este evento esportivo”, afirma. “O Mundial é importante, mas mais importantes deveriam ser os seus cidadãos”, conclui.

Fontes: Euronews e CNN Brasil

Reino Unido

Campanha diocesana inova na abordagem vocacional aos jovens

A Diocese de Nottingham, no Reino Unido, realizou um evento vinculado à recém-lançada campanha “Chamados pelo Nome”. Seu propósito é incentivar as pessoas a considerar, pelo nome, um jovem de 18 anos ou mais que, em sua opinião, possa ser um grande sacerdote. Assim, em vez de esperar que os jovens se apresentem, a campanha pede que as pessoas e paróquias que os conhecem os indiquem.

O evento apresentou os primeiros frutos da campanha: aqueles cujos nomes foram enviados receberam uma carta pessoal de Dom Patrick McKinney, Bispo diocesano, com um convite para encontrá-lo e conhecê-lo, e também ao Padre Neil Peoples, Diretor Vocacional.

No dia 7, ambos estavam no salão

da catedral diocesana para receber os 37 jovens que responderam ao convite. Nenhum deles se ofereceu por conta própria, ou seja, cada um havia sido notado e convidado por alguém.

“Cada um de vocês está aqui esta tarde porque alguém em sua paróquia pensou em vocês”, afirmou Dom Patrick.

Para muitos jovens, a proposta soou inusitada e comovente. Um jovem de Loughborough estava trabalhando quando soube da iniciativa. “Fiquei bastante surpreso ao saber que alguém havia notado isso sobre mim. Sempre tive essa dúvida de como discernir”. Um jovem de Nottingham, que lê nas missas em sua paróquia e ajuda com a música, respondeu ao convite imediatamente. “Ser notado me motiva a me envolver mais

na vida da Igreja e a querer fazer parte de algo maior”, sublinhou. Outro jovem, de Grantham, foi mais direto: “Não sei se é isso que devo fazer, mas só há uma maneira de descobrir”, afirmou.

Essa “descoberta” é o trabalho do Padre Neil e ele é cuidadoso ao descrevê-la. “O ritmo é deles”, diz, e o acompanhamento se dá por meio de uma conversa mensal, pessoalmente ou por videochamada. O Sacerdote quer que os jovens vejam “não a versão idealizada” do sacerdócio, mas a realidade. Ao ser questionado sobre o que viu quando os jovens chegaram, sua resposta foi simples. “Nós vemos esperança, pessoas dispostas a refletir sobre o que poderiam ser.”

Dom Patrick foi muito claro sobre

a relevância daquela tarde. “Padres não nascem em árvores. Eles não caem do céu. Eles vêm das paróquias”. A presença de tantas pessoas o emocionou. “Eu não tinha ideia de quantas viriam, e este número é muito maior do que eu imaginava. Que elas deem uma chance ao Senhor”.

Ao término do encontro, os jovens já não eram estranhos uns aos outros. Eles trocavam números de telefone, comparavam suas paróquias e riam das histórias de como cada um havia chegado ali. Nenhum dos 37 se comprometeu com nada, e esse é o objetivo. O programa “Chamados pelo Nome” não exige nada deles além da disposição de se questionarem e de estarem abertos ao chamado que o Senhor possa lhes dirigir. (JFF)

Fontes: Diocese de Nottingham e Zenit News

Peru

País aprova legislação que declara junho como o Mês da Vida e da Família

Como um importante passo no debate sobre políticas familiares e demográficas na nação, o Congresso do Peru aprovou, no dia 17, a lei que oficializa junho como o Mês da Vida e da Família em todo o território nacional.

De acordo com o texto da lei, o objetivo principal é comemorar a vida e reforçar a importância da família como uma instituição natural e fundamental da sociedade, ampliando o foco para questões como a valorização da vida desde a concepção, a formação de princípios, o fomento à coesão social e o compromisso com o bem comum. A medida incentiva ações durante todo o mês, envolvendo o Ministério da Educação, governos regionais e municipais. Esses órgãos devem promover atividades educativas, culturais e comunitárias com a participação de escolas, servidores públicos e a sociedade civil em geral.

Segundo Carlos Polo, diretor do escritório para a América Latina do Instituto de Pesquisa Populacional, “a família, composta por pai, mãe e filhos, é o principal espaço em que a vida é transmitida, os

valores são formados, as novas gerações são educadas e cidadãos responsáveis e comprometidos com a sua comunidade são construídos”. Portanto, concluiu ele, “promover e fortalecer a família significa criar as condições culturais necessárias para garantir a continuidade, a estabilidade e a prosperidade de nossa nação”.

No Peru, assim como em grande

parte da América Latina, a família sempre ocupou um lugar central na cultura. Ela é vista não apenas como núcleo afetivo, mas como base para a transmissão de valores, apoio emocional, educação informal e suporte econômico em momentos de dificuldade. Estudos sociológicos destacam que famílias fortes contribuem para reduzir problemas

sociais como violência, evasão escolar e isolamento de idosos.

A iniciativa abre espaço para discussões mais amplas sobre políticas públicas que apoiem a maternidade, a paternidade responsável, a conciliação trabalho-família e o apoio a famílias em vulnerabilidade. (JFF)

Fontes: InfoCatólica e ACI Prensa

A maior feira católica do mundo

EXPO CATÓLICA

Centenas de expositores, palestras e personalidades confirmadas

Entrada gratuita!

Acesse:

23 A 26 DE JULHO DE 2026 PRO MAGNO CENTRO DE EVENTOS - SÃO PAULO/SP

expocatolica.com.br

Leão XIV lamenta que a nutrição humana esteja em segundo plano nas prioridades mundiais

FILIPE DOMINGUES
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO, EM ROMA

Seguindo uma tradição de pontífices que visitam instituições ligadas às Nações Unidas, o Papa Leão XIV compareceu a um evento do Programa Alimentar Mundial (World Food Programme), na segunda-feira, 22, e defendeu uma melhor distribuição de recursos e alimentos. Em um mundo marcado pela violência e pela guerra, e em uma ordem mundial “dilacerada”, a nutrição humana acaba ficando em segundo plano, refletiu ele.

“O mundo hoje poderia viver sem fome”, afirmou. “Os recursos deveriam estar disponíveis. A capacidade de produzir alimentos existe; no entanto, muitas vezes os recursos são gastos para promover guerras e conflitos e, por assim dizer, outros



objetivos menos importantes, de modo que a fome persiste e, em algumas partes do mundo, chega até a aumentar.”

Leão XIV sublinhou que, embora haja atualmente uma capacidade produtiva sem precedentes, a distribuição de alimentos não segue esse mesmo ritmo, estando submetida a uma lógica meramente técnica ou política.

“Hoje, as crises deixaram de ser eventos isolados para se tornarem realidades persistentes, caracterizadas por conflitos prolongados, insegurança alimentar crônica, volatilidade econômica e vulnerabilidades climáticas crescentes”, lamentou. “A questão não se limita mais a como intervir; estende-se, ao contrário, à compreensão do porquê de o sistema produzir continuamente os mesmos problemas que depois é obrigado a corrigir”, analisou.

‘A Medicina nunca poderá se tornar serva da morte programada’, afirma o Santo Padre

Em audiência privada com a Fundação Jérôme Lejeune, na segunda-feira, 22, Leão XIV reforçou seu apelo para que as vidas humanas sejam sempre colocadas acima do pensamento técnico e da tecnologia.

Ele recordou Jérôme Lejeune (1926–1994), um médico e geneticista francês que descobriu a causa cromossômica da síndrome de Down, identificando a presença de um cromossomo 21 extra, e que se destacou

também por sua atuação em debates bioéticos e pela defesa da vida humana desde a concepção. Seu processo de canonização está em curso: “O professor Lejeune estava ciente de que, embora a tecnologia possa ajudar a Medicina, ela não pode, no entanto, substituí-la. Ele sabia, além disso, que a tecnologia pode ser utilizada contra a Medicina – que, por natureza, está a serviço da vida –, como ocorre quando a tecnologia escapa a

todo controle ético indispensável e quando prevalecem cálculos de eficácia, rentabilidade ou utilidade”.

Nesse contexto, continuou o Papa, “um médico nunca deveria se permitir, com base em algoritmos laboratoriais, decidir sobre a vida de um determinado embrião ou de uma determinada pessoa idosa. A Medicina nunca poderá se tornar serva da morte programada”, disse. (FD)

Pontífice se reunirá com cardeais em consistório para discutir o anúncio do Evangelho hoje e no futuro

Como havia prometido no início do seu pontificado, o Papa Leão XIV repete nesta semana a nova proposta de convocar um consistório anual – encontro com os cardeais em Roma – para discutir questões sobre o anúncio do Evangelho hoje e no futuro, em formato sinodal.

O encontro ocorrerá na sexta-feira, 26, e no sábado, 27. Os cardeais estão convidados a permanecer em Roma até a Solenidade de São Pedro e São Paulo, na segunda-feira, 29. As sessões terão meditações bíblicas e momentos de discussão em pequenos grupos, com estilo sinodal.

Conforme o programa divulgado pelo Vaticano, a

primeira sessão, por exemplo, busca responder à seguinte pergunta: “De que modo somos chamados a anunciar o Evangelho?” Outras questões, a serem trabalhadas nos grupos, serão: “Quais são os sofrimentos, as tensões e as questões que hoje afetam com maior intensidade os povos e as comunidades eclesiais confiadas aos seus cuidados? Ou quais são os sinais de esperança, de fidelidade ao Evangelho e de possível reconciliação que é importante levar à reflexão coletiva?”

Assim como no Consistório realizado em janeiro, os participantes são divididos em dois grupos: um composto por 9 grupos de cardeais eleitores ordinários (incluindo nuncios e cardeais eleitores que con-

cluíram seu serviço como ordinários) e outro estruturado de 11 grupos de cardeais eleitores da Cúria Romana e cardeais não eleitores, aqueles com mais de 80 anos.

Em convite enviado aos cardeais, em abril, o Papa afirmou: “Gostaria agora de me deter especialmente no que foi discutido nos grupos a respeito da [exortação apostólica] *Evangelii gaudium*, sobretudo no que se refere à missão e à transmissão da fé.” Em suas palavras, essa exortação continua “a ser um ponto de referência decisivo: ela não se limita a introduzir novos conteúdos, mas recentra tudo no *kerigma* como o cerne da identidade cristã e eclesial”. (FD)



ASSUNÇÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO

Transforme o seu futuro no ASSUNÇÃO! Escolha estudar em um Centro Universitário com nota MÁXIMA no MEC, tradição em ensino de qualidade e compromisso com a sua formação. Aqui, você conquista sua **Graduação com 50% de desconto*** e tem acesso a cursos de **Pós-Graduação com condições e descontos especiais e oportunidades únicas para crescer profissionalmente.**

*Desconto exclusivo para ingressantes via Projeto “Vamos Sonhar Juntos”

INSCREVA-SE JÁ!

Aulas das 19h às 21h50, on-line ao vivo às sextas

Rua Afonso Celso, 711 (Metrô Santa Cruz) - Vila Mariana
www.unifai.edu.br

WhatsApp
(11) 5087-0187